



luca argel

blimunda

mensal n.º 62 julho 2017 fundação josé saramago

jorge

terra de
pecado

padim

biblioteca vas

3— **Editorial**
**Cabo verde, a cultura
como forma
de encontro**

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

12— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

17— **Luca Argel, o suave
guerrilheiro do samba**
Sara Figueiredo Costa

28— **Cabo Verde, centro
do Mundo**
Ricardo Viel

38— **Jorge Palma**
Sérgio Machado Letria

52— **Um muro chamdo
Europa**
Joana Simões Piedade

63— **A Casa da Andréa**
Andréa Zamorano

70— **Biblioteca
Vasconcelos**
Andreia Brites

81— **And The winner Is...**
Andreia Brites

82— **Espelho Meu**
Andreia Brites

85— **Terra de pecado**
Pilar del Río
Pedro Prista

83— **Agenda**

Entre os dias 6 e 10 de julho realizou-se na Ilha do Sal o primeiro festival literário internacional de Cabo Verde. A iniciativa do casal de editores Filinto Elísio e Márcia Souto, com curadoria de José Luís Peixoto, significa um divisor de águas para a cultura cabo-verdiana. Durante quatro dias meia centena de autores, editores, jornalistas e pesquisadores, vindos de várias partes do mundo, reuniram-se, em debates abertos ao público, para discutir sobre literatura e o espaço que Cabo Verde e a lusofonia podem e devem ocupar no mapa-mundi das letras. Essa enriquecedora troca de experiências é um primeiro passo na caminhada para que Cabo Verde seja conhecido não só pela beleza natural e simpatia das suas pessoas mas também pela sua produção artística.

«É necessário sair da ilha para ver a ilha», lê-se n’O *Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago. Sair da ilha é algo que os cabo-verdianos fizeram e fazem com muita frequência — calcula-se que a população que vive no exterior é o dobro da que reside no arquipélago. Para uma nação tão pequena e localizada no meio do Atlântico, entre América, Europa e África, a diáspora é algo tão presente quanto necessária. Para eles, mais difícil do que sair das ilhas é fazer com que os visitantes até lá cheguem. É certo que

o país recebe centenas de milhares de turistas anualmente e possui infra-estruturas para que os números continuem a crescer, mas é também verdade que não há nenhuma garantia de que quem visita Cabo Verde leve para casa mais do que uma experiência de praia e sol. É por isso que a aposta pela cultura, por apresentar aos estrangeiros a sua riqueza intelectual e artística, é fundamental.

No Festival Literatura-Mundo do Sal ouviu-se poesia, foram apresentados espetáculos de dança, música e teatro. Romancistas

e poetas, investigadores/as e produtores/as culturais conheceram-se, trocaram experiências, conviveram e sonharam projetos futuros em conjunto. Foi como se, com um mapa na mão, fossem traçadas várias rotas que ligassem Cabo Verde aos diversos cantos do mundo. Viu-se que o intercâmbio é possível se houver vontade e trabalho. E por isso, no último dia do festival foram assinados protocolos de intenção com diversas entidades

– entre elas a Fundação José Saramago –, com o objetivo de que a realização desse encontro não seja um acto isolado que aconteça uma vez por ano, mas sim um dos momentos de (re) encontros e partilha, de sonhar projetos e celebrar amizades.

Cabo Verde, a cultura como forma de encontro



Blimunda 62

julho 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoes, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

ANDRÉ CARRILHO

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoes, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

NA MORTE DE LIU XIAOBO

Preso por diversas vezes desde que se juntou aos protestos de Tiananmen, em 1989, o ensaísta e escritor chinês Liu Xiaobo morreu no passado dia 13, poucas semanas depois de ter sido anunciado que sofria de um cancro no fígado. Várias foram as vozes que se fizeram ouvir, pedindo ao governo chinês que deixasse o Nobel da Paz ser transferido para outro país, de modo a ser tratado, mas nenhuma teve o eco pretendido. No dia da morte de Liu Xiaobo, a imprensa internacional dedicou várias páginas à biografia do autor e ao seu percurso em defesa da democracia e da liberdade de expressão, percurso que se cruza com as últimas décadas da História chinesa. No *Público*, Sofia Lorena assina um artigo sobre o homem que foi preso por incitar à subversão contra o Estado, nas palavras do governo chinês: «"Para onde vai a China no século XXI?", perguntava a *Carta 08*, manifesto que Liu Xiaobo ajudou a escrever e assinou antes de ser detido e acusado de "incitar à subversão do poder do Estado", em dezembro de 2008. Passaram



quase nove anos e o país está longe do que terão sonhado os signatários: a morte do Nobel da Paz e mais conhecido preso político da China, na sua cama de hospital, num quarto cercado pela polícia paramilitar, soa como a mais brutal e autêntica resposta à pergunta inicial.

O que Pequim fez ao apelo à mudança da *Carta 08* foi rasgá-lo e esmagá-lo, recusando quaisquer comentários enquanto o fazia. De caminho, destruiu ou silenciou os que acreditavam na mudança e ousavam defendê-la publicamente.» Mais adiante: «A China, que considerou a atribuição do Nobel a Liu "uma obscenidade", sempre o tratou como um "criminoso comum" – para o regime comunista não existem "presos políticos". Durante a cerimónia do Nobel, quando o comité norueguês deixou uma cadeira vazia no palco (medalha e diploma de Liu em cima), os ecrãs das televisões dos chineses ficaram negros. A notícia da sua morte, divulgada pela câmara municipal de Shenyang, cidade onde estava internado, chegou quando passava pouco das 21h em Pequim e não se seguiu uma só palavra do

Governo. Quando o Nobel chegou, Liu já tinha sido condenado a 11 anos de prisão – a sentença foi proferida no dia de Natal de 2009, quando muitos chineses estão de férias. Nenhum familiar foi autorizado a deixar a China para receber o prémio em seu nome. Pouco depois, a sua mulher, a poeta e fotógrafa Liu Xia, passou a estar em prisão domiciliária; segundo os amigos, vive há anos numa depressão profunda.»



HOMENS CHEIOS DE CERTEZAS

Nos arquivos da revista colombiana *El Malpensante* há muitos textos aos quais vale a pena regressar. Aquele que a autora norte-americana Rebecca Solnit escreveu há um par de anos é um deles e, infelizmente, neste caso, não terá perdido um pinga de atualidade. Solnit partilha alguns episódios da sua vida para comentar o vício irritante e perfeitamente estabelecido que alguns homens têm de explicar às mulheres coisas que só eles, obviamente, têm capacidade para compreender... Do anfitrião de uma

festa que, segundos depois de ter sabido que Rebecca Solnit havia escrito um livro sobre as invenções de Eadweard Muybridge, tratou de explicar-lhe que tinha saído há pouco um livro realmente importante sobre o mesmo tema (o anfitrião achava que não era o dela, porque nem sequer o tinha lido, mas uma recensão na *New York Review of Books* chegou para se tornar especialista e, claro, para decidir que o livro não teria sido escrito sobre uma mulher), ao escritor que afirmava com toda a certeza que o *Women Strike for Peace* não tinha tido qualquer papel no fim da HUAC (o comité das Atividades contra os EUA, responsável por uma imensa caça às bruxas), há de tudo e não é difícil reconhecermos muitas dessas situações. «La batalla con los Hombres Que Explican Cosas ha pisoteado a muchas mujeres de mi generación, de la generación emergente que tanto necesitamos, aquí y en Pakistán y en Bolivia y en Java, para no hablar de las innumerables mujeres que vinieron antes y a las que no se les permitió entrar en el laboratorio, en la biblioteca, en una conversación o en la revolución, ni siquiera en la categoría de ser humano.

Después de todo, *Women Strike for Peace* fue creada por mujeres que estaban cansadas de hacer el café y mecanografiar y no tener voz, ni papel en la toma de decisiones, en el movimiento antinuclear de los años cincuenta. La mayoría de las mujeres pelean guerras en dos frentes, uno para cualquiera que sea el tema y otro simplemente por el derecho de hablar, de tener ideas, de ser reconocidas en la posesión de información y verdades, de tener valor, de ser humanas. Las cosas han mejorado, pero esta guerra no terminará en mi vida. Todavía estoy luchándola, para mí sin duda, pero también para aquellas mujeres más jóvenes que tienen algo que decir, con la esperanza de que logren decirlo.»



O PAPEL PERIGOSO DA LITERATURA

No romance *Descobri que Estava Morto*, o escritor brasileiro João Paulo Cuenca parte de um episódio biográfico e kafkiano para refletir sobre alguns absurdos da existência. Dado como morto pelos registos oficiais,

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

um homem investiga a própria morte enquanto caminha, aparentemente bem vivo, pelas ruas da sua cidade. Na revista *ñ*, do jornal *El Clarín*, João Paulo Cuenca é entrevistado por Ezequiel Viéitez a propósito desse romance, publicado numa altura em que a corrupção há muito minava o sistema político brasileiro, com desenvolvimentos que hoje se confirmam a cada dia tão absurdos como a ideia de um morto investigar a sua morte. Um excerto: « ¿La literatura tiene un papel ante estos escenarios sociales?

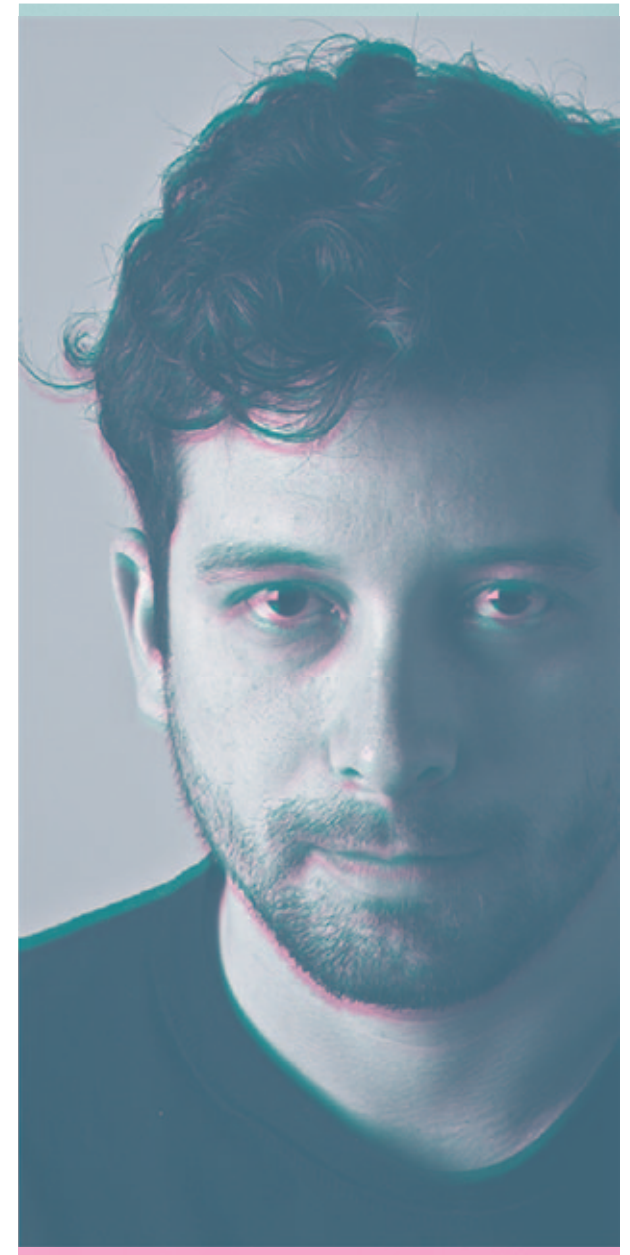
Me encantaría que llegara a un público grande, pero temo que llega apenas al grupo de lectores de literatura, que cada vez está más restringido a la elite cultural. Entonces, es una actividad de excepción. El libro es consciente de eso y lo problematiza. ¿Cómo lo problematiza?

El personaje narrador es un escritor que es muy crítico de la actualidad de las letras en Brasil. ¿Qué puede hacer un libro entonces? Un libro no debería ser amigo del poder, cualquiera que sea, de derecha, de

izquierda. Me parece que la literatura tiene que tener un papel peligroso, iconoclasta, corrosivo. Es una de las críticas que hago al medio literario en Brasil.

¿Entonces qué función tendría que tener la literatura?

No sé si llego a esbozarlo en el libro, pero sí sé lo que no es su verdadero papel. Los mejores libros son aquellos en los que terminamos llenos de dudas, de cuestionamientos, de incertezas. No es la literatura que te conforta y que te ofrece una versión del mundo que te permite decir: “Mi alma está pacificada”. Pero como se convirtió en una actividad de excepción, yo veo a muchos escritores asumiendo un papel de evangelizadores: “Yo voy a la escuela a transmitir el evangelio y si vos lees esto vas a ser una persona mejor”. No me parece.»



MARGINÁLIA

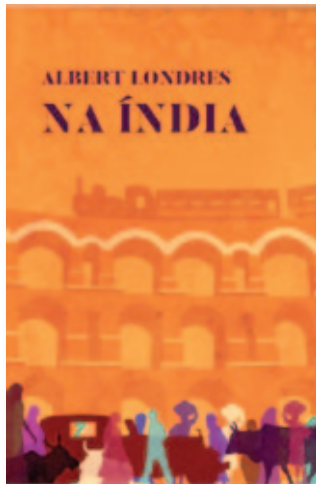
A nova coleção da editora brasileira Rocco, Marginalia, promete trazer para os escaparates das livrarias uma série de autores e textos pouco conhecidos ou acessíveis entre os muitos trechos da literatura universal que foram ficando nas margens do cânone, mesmo que os seus autores aí tenham lugar cativo. A notícia vem no jornal *O Globo*: «A série, que prevê o lançamento de ao menos mais seis volumes no ano que vem (leia mais ao lado), dá atenção especial a suportes efêmeros, como jornais, anotações, papéis avulsos e gêneros considerados “menores”, como os diários e a escrita epistolar. Alguns títulos, organizados e traduzidos por pesquisadores do país, não são apenas raros — ou inéditos — no Brasil, como difíceis de encontrar em qualquer outro lugar. Segundo o idealizador da coleção, Miguel Conde, a iniciativa tem algo de *sui generis* no mundo editorial. E mostra, segundo ele, o sinal de um momento intelectual que “favorece a incursão por caminhos menos

mapeados”. — O fato de ter encontrado diversos pesquisadores já envolvidos com trabalhos afins ao espírito da coleção mostra que hoje, nas universidades brasileiras, os arquivos têm sido pensados não apenas enquanto repositórios de informações sobre o entorno documental da obra de um escritor, mas como espaço fértil de reflexão e criação que permite questionar os limites daquilo que se julga integrar essa obra — explica Conde. — O trabalho dos organizadores pode ser entendido também como um gesto de leitura crítica, que permite ressaltar aspectos inesperados ou pouco explorados de um autor.» Depois de *A Aventura do Estilo*, ensaios e correspondência de Henry James e Robert Louis Stevenson, e *A Perda de Si*, com cartas de Antonin Artaud, já nas livrarias, esperam-se volumes de Henry Miller, Virginia Woolf, Gertrude Stein ou Félix Fénéon.



Na Índia
Albert Londres
Livros de Bordo
Tradução de Ana Cristina
Leonardo

**O "POETA DA HISTÓRIA
IMEDIATA"**



Albert Londres foi um jornalista atípico e, também por isso, um dos grandes jornalistas do século XX. Viajante impulsivo, andou pela Grécia, Turquia, Sérvia, URSS, Síria, China (viagem em cujo regresso acabou por morrer, num incêndio a bordo de um navio ainda por explicar) e as reportagens que assinou para tantas publicações caracterizavam-se por um estilo que assentava na proximidade perante o que observava, na descrição atenta aos detalhes nem sempre mais luminosos, no olhar desassombrado e dedicado a encontrar as muitas vidas, histórias e recantos que compõem um cenário mais vasto. Como refere Ana Cristina Leonardo na introdução, Pierre Assouline disse de Londres que ele foi o «poeta da história imediata», um bom epíteto para alguém que andou por cenários tão decisivos da nossa história recente e soube sempre procurar os ângulos menos óbvios, talvez menos propícios a grandes manchetes, mas se-

guramente aqueles que nos deram a ver o osso e o nervo dos momentos e lugares que foram moldando o século passado.

Na Índia reúne dez textos que resultam da passagem do autor pelo então território do Império Britânico, em 1922, numa altura em que os movimentos nacionalistas que lutavam pela independência estavam no seu auge. Três figuras históricas pontuam a passagem de Londres pela Índia, Mahatma Gandhi, Motilal Nehru e Rabindranath Tagore, conferindo às observações do autor um contexto essencial para se compreender os acontecimentos de então. Num território onde habitavam duzentos e dezassete milhões de hindus, setenta e sete milhões de muçulmanos, onze milhões de budistas, quatro milhões de cristãos e três milhões de siques, tudo regulado pelas leis britânicas e por um caos pouco imperial, onde o racismo era pilar das relações entre governantes e governados, o

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

nacionalismo ganhava terreno de modo lógico, tão lógico quanto desorganizado. Albert Londres acompanha os seguidores de Gandhi na fase em que qualquer palavra proferida pelo homem que recusava mordomias e se vestia como um mendigo era assumida como lei sagrada pelas multidões. Até ao dia em que as profecias de Gandhi sobre como a resistência pacífica haveria de trazer uma mudança profunda num determinado dia foram contrariadas pelo passar das horas. Seguiu-se o desalento popular, abrindo espaço para novos protagonismos e para as críticas lançadas por outras figuras, como Tagore.

Apesar da atenção dedicada a este trio de figuras essenciais da história indiana do século XX, é no movimento quotidiano que se detém o olhar do repórter. Fugindo de fascinações exóticas, não há nestes textos o habitual comentário embasbacado perante as cores, os

cheiros, as diferenças. Não que Londres não note cores, cheiros e diferenças, mas sabe fazê-lo com o olhar aguçado de quem observa atentamente para em seguida registar, guardando a ironia e uma frontalidade assumida para as anotações sobre aquilo que o contexto torna diferente, mas que acaba por se revelar, na verdade, igual, ou seja, aquilo a que gostamos de chamar natureza humana e que podíamos resumir entre ilusões, fracassos, cobiças e alguns sonhos. Veja-se a descrição de um picketing, momento em que activistas do nacionalismo indiano tentam convencer os seus compatriotas a não comprarem o algodão inglês: «Sob uma fotografia de Gandhi, os comerciantes, que são comerciantes antes de serem indianos, vendem o belo algodão inglês a senhoras que são coquetes antes de serem nacionalistas. (...) “Oh, minha irmã” não ajudes com o teu dinheiro o verdugo que nos pisa com as suas botas!” (...)»

Em geral, a irmã vai-se embora... Vai-se embora comprar noutro lado.» (pg.56)

Albert Londres observa os homens e mulheres com quem se cruza sem sombra de condescendência, com uma frontalidade que desarma as boas intenções prévias ou a vontade de ver em cada defensor da independência indiana um oprimido ou em cada inglês um tirano. Longe de maniqueísmos fáceis, Londres não deixa de firmar de modo claro a sua pouca simpatia pela dominação inglesa e pela lógica imperial assente na exploração de recursos naturais e humanos, mas em nenhum momento estes textos se transformam em panfleto ou deixam de registar ingenuidades e cedências rápidas por parte de quem se diz nacionalista. Pudéssemos continuar a publicar reportagens deste calibre nos jornais e talvez parte (talvez pequena, mas ainda assim) da crise da imprensa não se fizesse notar tão intensamente nas vendas dos jornais de hoje.

Meados do século XX: surgem Brasília, o Neoconcretismo, João Cabral. Mas também brota um sertão verdejante, um “monstro” potente, espécie de esfinge – Grande sertão: veredas

SILVIANO SANTIAGO, um dos críticos literários mais originais do Brasil, analisa a obra maior de Guimarães Rosa em seu mais novo livro, **GENEALOGIA DA FEROCIDADE**. Ele observa como as tentativas de domar *Grande sertão: veredas* sempre ignoraram sua complexidade, indócil a definições fixas por ter uma linguagem porosa e potente.

À venda no site da Cepe Editora
www.cepe.com.br



estante

SARA FIGUEIREDO COSTA

ANDREIA BRITES



A Bela e o Monstro

Jeanne-Marie Leprince de Beaumont
Porto Editora

***A Bela e o Monstro* é mais um dos clássicos a integrar a coleção Reino das Letras. Depois de Oscar Wilde, Esopo, irmãos Grimm, La Fontaine, Virginia Wolf e Manuel António Pina, é a vez desta autora oitocentista. O texto segue o tom moralista e a estrutura fechada do conto tradicional e não cede a vocabulário ou formulações excessivamente simplistas. O mais interessante no livro é o facto de se ter escolhido para adaptar justamente a versão de Jeanne-Marie Beaumont e não outra de origem tradicional e mais antiga.** AB



Ter uma irmã é...

Lara Xavier
Paulo Galindro
Booksmile

Como é possível que uma irmã mais nova se vá transformando em diversos animais ao longo do crescimento? Pelo olhar deste irmão pouco mais velho não só é possível como as suas associações batem certo. Mais ainda, ele é um irmão mais velho quase sempre feliz com isso. O ritmo obedece a um paralelismo entre o anúncio do animal e a explicação que acontece na página dupla seguinte. As ilustrações de Galindro realçam precisamente esse diálogo e essa contiguidade, num contexto sempre doméstico, reforçando a ideia de lar. AB



Socorro, sou uma adolescente!

Ana Luísa Pais
Oficina do Livro

No seu livro de estreia, vencedor do Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2016, a autora traça um retrato em primeira pessoa de uma adolescente, até à maioridade. Em capítulos curtos, o tempo cronológico passa com a leveza de relatos mais ou menos caricatos e auto-críticos das novas experiências da protagonista. Até ao final, que se configura o momento mais sério de todo o livro e deixa essa porta para a idade adulta aberta para outras realidades. AB



Viagem ao Brasil (1644-1654)

Peter Hansen Hajstrup
Cepe Editora

A Cepe publica pela primeira vez em português o diário do soldado dinamarquês que integrou a Companhia das Índias Ocidentais. É uma obra rara do período da dominação holandesa do Brasil, registando as notas de um militar de baixa patente que passou dez anos em Pernambuco e sobreviveu a confrontos como as batalhas de Tabocas, Casa Forte e Guararapes. Para além do texto, o livro inclui gravuras de Franz Post e Albert Eckhout. SFC



La Procesión Infinita

Diego Trelles Paz
Anagrama

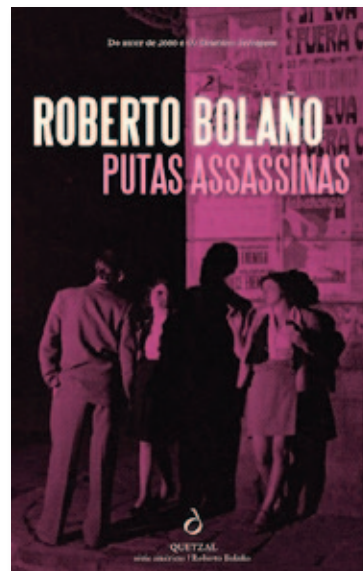
Com acção centrada no Peru pós-ditadura, o romance de Diego Trelles Paz cruza uma narrativa onde as relações afectivas estruturam um enredo atravessado pelo contexto político social de um país que, tendo-se libertado de uma ditadura, não se libertou de muitos dos seus vícios e de algumas das suas memórias e práticas mais sombrias. SFC



Depois a Louca Sou Eu

Tati Bernardi
Tinta da China

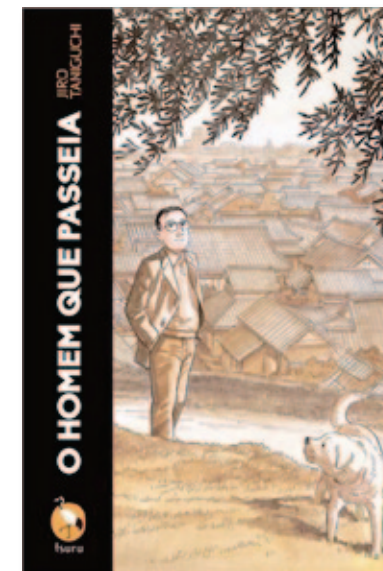
Guionista da Rede Globo e cronista da *Folha de São Paulo*, Tati Bernardi expõe nestas crônicas os problemas de ansiedade, pânico, depressão e outras maleitas da psique, partilhando as suas histórias pessoais com um humor quase sempre desarmante e permitindo que o leitor identifique (ou se identifique em) episódios semelhantes. O ritmo é alucinante, por vezes angustiante, mas a fineza da escrita de Tati Bernardi faz dos ataques de pânico matéria literária da melhor estirpe. SFC



Putas Assassinas

Roberto Bolaño
Quetzal

Conjunto de histórias curtas do escritor chileno, nunca antes traduzidas em Portugal, foi publicado em 2001. Nestes contos, exemplos breves mas consistentes do estilo, das temáticas e das reflexões habituais do autor, surgem algumas das grandes personagens que habitam livros posteriores, como *Lalo Cura* ou *Arturo Belano* (protagonista de *Os Detectives Selvagens*). SFC



O Homem Que Passeia

Jiro Taniguchi
Devir

De um dos mais conceituados autores japoneses de banda desenhada, a Devir publica agora uma obra-prima cujas pranchas revelam uma composição onde a harmonia e a contemplação assumem lugar de destaque. Um homem contempla os subúrbios da cidade e em cada ângulo descobre matéria infinita para pensar sobre o mundo e quem nele habita.



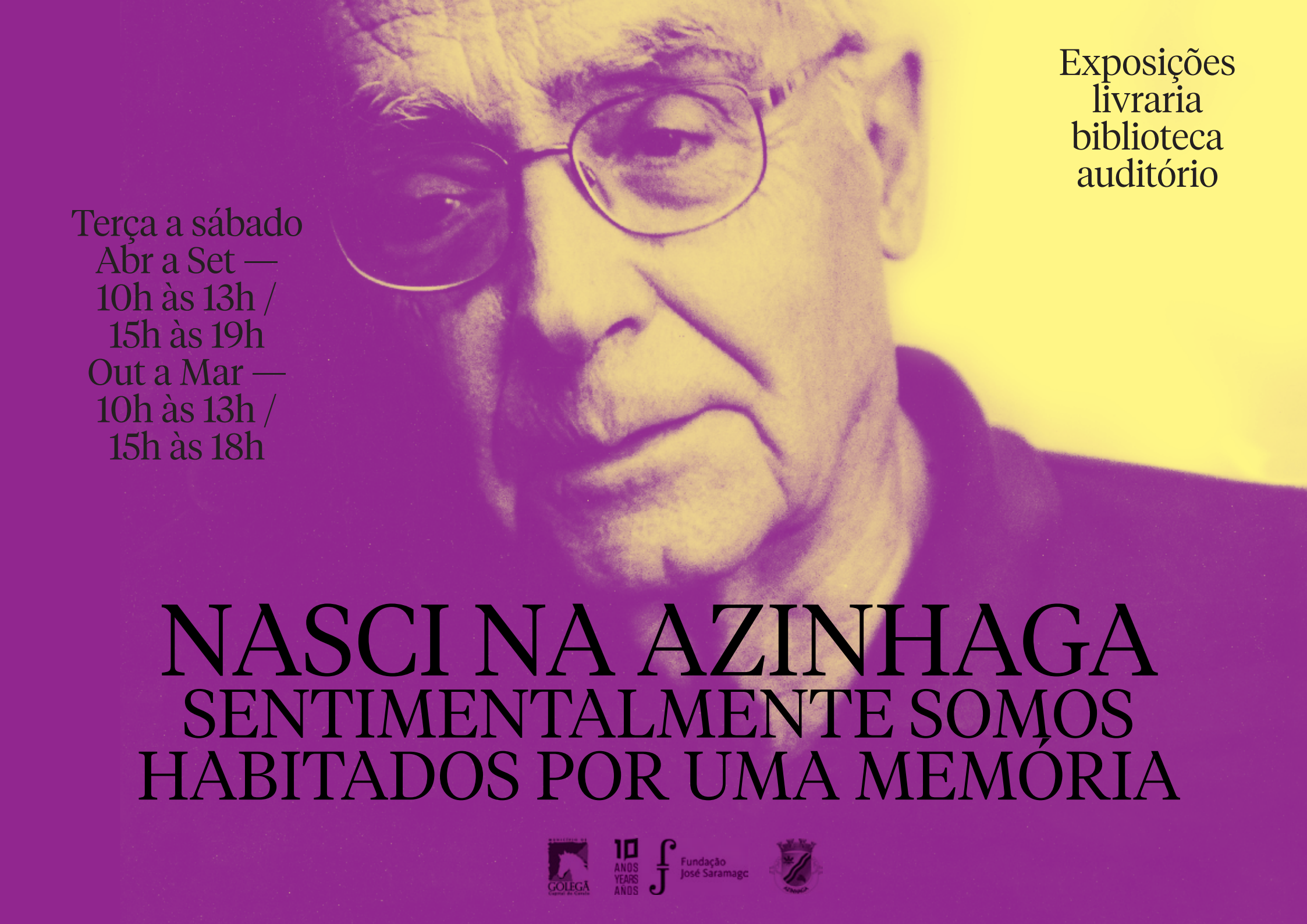
Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT



A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background for the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado

Abr a Set —

10h às 13h /

15h às 19h

Out a Mar —

10h às 13h /

15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



Fundação
José Saramago



Sara Figueiredo Costa

lupcal argel

o suave guerrilhei-
ro do samba

Nascido no Rio de Janeiro, em 1988, Luca Argel escolheu o Porto para viver há cinco anos, quando decidiu estudar Literatura Contemporânea na Faculdade de Letras. Aí fez o seu mestrado, dedicando-se à poesia contemporânea portuguesa e brasileira, sem deixar de alimentar o percurso musical que já trazia do Brasil, com concertos, performances e composições a partilharem a bagagem com alguns livros de poesia, entre eles *Esqueci de Fixar o Grafite* e *Uma Pequena Festa Por Uma Eternidade*.

Chegado em 2012, criou a banda Samba Sem Fronteiras, com a qual tem percorrido muitos quilómetros de terras portuguesas, e quatro anos mais tarde gravou o primeiro disco em nome próprio, *Tipos Que Tendem Para o Silêncio*. Agora, circula pelo país mostrando o novo disco, *Bandeira*, conjunto de canções que devem tanto ao samba como à poesia contemporânea, os dois vetores que sustentam um percurso onde a vontade de experimentar e arriscar se sobrepõe ao sossego de que poderia usufruir um músico com voz límpida e violão seguro.

Em Tondela, na última edição do Tom de Festa – Festival de Músicas do Mundo ACERT, Luca Argel apresentou *Bandeira* num pequeno palco, apenas a voz e o pequeno violão, e o resultado foi uma plateia a crescer à medida que as canções se sucediam e a render-se à melancolia ritmada deste carioca portuense. Antes do concerto, a *Blimunda* conversou com o poeta e cantautor, que já se preparava para rumar a Lisboa, à Fundação José Saramago, para apresentar um dos seus muitos projetos que só existem ao vivo, o *Samba de Guerrilha*. E foi com *Bandeira* que começámos a conversa, desdobrando a bela capa de um disco que se transforma em

cartaz serigrafado. Lá dentro, as canções dão a ouvir os ritmos que conhecemos de alguns sambas, entretanto transformados pelas letras onde a cacofonia da vida contemporânea mistura o *Star Wars*, a Zara e a precariedade com os ecos de Noel Rosa, rodas de samba e um Rio de Janeiro em ebulição contida. «Todas essas coisas são um reflexo... Isso tudo está dentro do disco porque é um reflexo da ideia que eu tenho do samba, não só enquanto género musical, mas também enquanto manifestação cultural que ultrapassa o limite da música e da performance. Esse conceito é o de um género muito propício a retratar temas do quotidiano, quase como se fosse uma espécie de crónica musical. O samba sempre foi um género muito cronístico. Só que por ser um género que já completou um século, já existe uma tradição do samba, mesmo a bossa nova, que era uma espécie de traição à tradição do samba, mesmo a bossa já é um estilo clássico, revestido de uma outra tradição... Isso às vezes desperta um certo desejo de preservação, que é correctíssimo, por parte dos compositores, historiadores da música, críticos, de que não se perca essa tradição e as características. O problema é quando isso começa a virar uma espécie de reserva florestal, acho que foi Caetano que usou essa expressão, da música,

como se para se preservar precisasse de parar de interagir com o mundo contemporâneo.

Um samba chamado *Star Wars*

Na verdade, o vigor todo do samba vem da interação que ele sempre teve com o mundo que existia quando ele nasceu, no início do século passado. Se a gente pegar nesses sambas tradicionais, que às vezes a gente tem a tendência de querer colocar num museu e preservar e continuar reproduzindo da mesma forma, na época em que nasceram estavam em contacto com a sua época, fazendo referências a ela. Tem músicas do Noel Rosa, por exemplo, que estão cheias de referências ao Rio de Janeiro em que ele viveu e às vezes tem coisas que a gente nem pega, números de telefone com quatro dígitos, coisas que eram muito contemporâneas naquela época... Acho que o samba, para manter o vigor, precisa continuar em contacto com o mundo contemporâneo e isso pode significar, por exemplo, escrever um samba sobre *Star Wars*, que já nem é tão contemporâneo assim, mas sobre coisas que fazem parte do nosso dia a dia hoje. Não vejo isso como modernização, o samba sempre foi assim. A diferença



é que a gente está acostumado a ouvir os sambas do passado, mas o samba feito hoje vai ter referências ao mundo de hoje.»

No disco anterior, *Tipos Que Tendem Para o Silêncio*, Luca Argel decidiu que não haveria palavras. Parece escolha estranha para um poeta, mas nas melodias e harmonias desse disco, onde os sons eletrônicos assumem um papel importante, não faltam reflexões sobre a poética que vamos vendo ganhar músculo ao longo dos livros e poemas dispersos do autor. «O *Bandeira* não está isolado das coisas que eu fiz antes. Acho que ele tem a ver, por exemplo, com o último livro, o *Uma Pequena Festa Para Uma Eternidade*, que é um trabalho poético que procura trabalhar uma linguagem mais coloquial, mais direta, mais pop, e mais política também. O *Tipos Que Tendem Para o Silêncio* é uma espécie de vírgula na minha trajetória musical, ainda que seja o primeiro disco que lancei com o meu nome. Reflete uma decisão que eu tomei de me assumir como músico, para além de poeta. E senti que seria interessante gravar um disco instrumental, para me afirmar para mim mesmo enquanto músico. É uma espécie de declaração de independência.»

Arrumar linguagens e expressões é tarefa a que Luca

Argel não se dedica. Entre os livros de poesia publicados, as colaborações espalhadas por revistas impressas e digitais e as performances que só existem enquanto tal (como *Livro de Reclamações*, um livro que é um disco e que nunca existiu fisicamente), o trabalho do autor é um só, ganhando ramos e galhos à medida que se desenvolve. Como referiu várias vezes ao longo desta conversa, «a escrita de canções é um processo sobretudo poético» e não há motivo para se instalar uma fronteira entre a música e a poesia, tanto mais que, na origem, a semântica as colocava no mesmo ramo. «Acho estúpida aquela discussão sobre se as letras de música podem ou não ser poemas. Felizmente, mesmo nos meios mais académicos, hoje já estamos numa posição de finalmente ultrapassar essa questão depois que o Bob Dylan ganhou o Nobel. Me pediram um texto para uma revista da FLUP, onde fiz o mestrado, e eu enviei um texto que foi fruto do trabalho que fiz numa disciplina de Poética Clássica onde investigava sobre a etimologia das palavras 'poesia' e 'música' e sobre o quanto o nosso conceito de hoje se afastou tanto do étimo. Poesia englobava música, essa distinção não era concebível. Escrevi esse texto num tom mesmo militante, só que a revista demorou para sair e acabou acontecendo essa coisa

de o Dylan ganhar o Nobel, e quando saiu o texto já estava anacrónico... É uma bandeira que já está conquistada.»

As edições brasileiras dos livros de Luca Argel não se encontram facilmente nas livrarias portuguesas, mas algumas vão circulando de mão em mão, aparecendo de vez em quando em pequenas livrarias e espaços temporários. Alguns poemas, no entanto, podem ler-se em edições portuguesas, nomeadamente os que integram as antologias *Naquela Língua. Cem Poemas e Alguns Mais* (uma escolha de Francisco José Viegas, publicada pela Elsinore) e *É agora como nunca*, antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira (seleção de Adriana Calcanhotto, publicada pela Cotovia).

O livro-disco que nunca existiu

Ao longo deste ano, a bibliografia aumentará e Luca Argel terá três livros publicados, pela Averno e pela Mia Soave: «A Averno vai editar uma antologia de poemas meus esse ano, mas sem inéditos. No Brasil, tenho três livros publicados, mas aqui só tinha os poemas que saíram nas antologias. Ainda esse ano, sai uma edição dupla pela Mia Soave,

do *Livro de Reclamações*, um livro-disco que nunca existiu fisicamente, eu só apresentava ele em performance, e um livro de inéditos.» Está encontrado o espaço editorial onde Luca Argel parece fincar as suas afinidades poéticas, conhecedor que é do que se vai publicando por cá há alguns anos, mesmo que agora a música lhe tome mais tempo: «Quando cheguei em Portugal, acompanhava bastante a poesia portuguesa que se publicava, agora, um pouco menos. Eu fiz o mestrado em literatura, no Porto, e a minha área de estudo é a poesia contemporânea. Cheguei em Portugal sedento de conhecer a poesia portuguesa contemporânea, que era uma coisa pela qual eu já me interessava no Brasil, só que não tinha muito acesso, porque as coisas não chegam muito lá. Agora, esse interesse arrefeceu um pouquinho, talvez por já ter terminado o curso de literatura e por estar mais dedicado à música. Mas mantenho o interesse. Por exemplo, fiquei sabendo que o José Miguel Silva, talvez o poeta contemporâneo português de que eu mais gosto, tem um livro novo. Ontem fui buscá-lo à livraria Gato Vadio, que me guardou o livro. E gosto muito dessa geração que esteve ali em torno dos Poetas Sem Qualidades, a Averno...»



Samba de Guerrilha é mais um desses trabalhos que não tem existência material. Entre a história do samba e as suas leituras políticas, Luca Argel cruza palestra com concerto e mostra como as rodas de samba sempre tiveram um papel de resistência, umas vezes pela oposição da festa à miséria, outras pela denúncia direta da opressão. *Samba de Guerrilha* podia ser disco, livro, fanzine, até exposição, mas quem quiser conhecer o trabalho tem de procurar uma apresentação ao vivo. «*Samba de Guerrilha* é tudo isso. Primeiro era para ser uma espécie de concerto didático, que eu montei depois de receber um convite de uma associação do Porto, a Contrabando. Na altura do *impeachment* da Dilma [Rousseff], no Brasil, eles organizaram uma semana contra [Michel] Temer e chamaram um monte de gente para falar sobre a situação no Brasil. Eu não tinha lançado o *Bandeira* ainda, mas já tinha essa ideia de trabalhar com o samba, de gravar os sambas que estava escrevendo, estava lendo muito sobre história do samba... Esse convite veio num momento bom para juntar os vários interesses e eu elaborei uma espécie de apresentação em que eu tocava alguns sambas mais interventivos e contava um pouco da história do sam-

ba numa perspetiva política, especialmente falando da questão da escravidão, ligando com a questão colonial e traçando uma linha até ao golpe de 2016, mostrando como há uma linha narrativa lógica e como uma coisa leva a outra, com um mesmo pensamento escravocrata e senhorial que justifica os acontecimentos de hoje. E o samba, apesar de ser um género recente, com pouco mais de cem anos, por ser uma música de origem negra, uma manifestação cultural da diáspora africana no Brasil, carrega com ele todas essas questões de desigualdade social, foi testemunha desse processo de tentativa de integração dos negros e descendentes de escravos que nunca se concretizou de verdade, nunca houve igualdade real. Houve algumas tentativas pontuais, que hoje estão regredindo com essa volta de um conservadorismo político, esse proto-fascismo que parece que está cada vez mais próximo. Foi assim que surgiu o *Samba de Guerrilha*, reunindo tudo isso e mostrando o samba como vetor dessas mensagens. Um amigo meu, o Rui Silva, que é designer e artista plástico, assistiu a essa primeira apresentação e achou que podia fazer um zine, mas nunca ficou pronto... Sistematizei tudo isso num texto que foi publicado na *Telhados de Vidro*

e depois saiu um resumo na *Wav*, mas o zine ainda não existe...» Em *Samba de Guerrilha*, Luca Argel procura quebrar alguns estereótipos associados ao samba, mostrando que a ideia de festa, associada a uma certa despreocupação, não passa de uma simplificação absurda, tantas vezes escutada em Portugal quando vem à tona o preconceito sobre a “contagante alegria brasileira”... «Como brasileiro que trabalha com o samba em Portugal, noto isso, nitidamente. É uma coisa complicada, porque o samba tem contradições que são meio difíceis de explicar, mas que são um pouco da graça dele. Ao mesmo tempo que é uma música que pode servir de resistência, como tento mostrar no *Samba de Guerrilha*, o samba também se alimenta desse estereótipo que construíram para ele. E eu também tiro abertamente partido desses estereótipos, ao mesmo tempo que tento desconstruí-los.

O samba é divertido e político

Não está de todo errado dizer que o samba é uma música alegre, de celebração. O problema é essa ideia. Sempre falo nos meus concertos antes de cantar uma das músicas

do disco, cujo conteúdo eu bebi do pensamento do Luís Antônio Simas, historiador que leio muito, e que foi importante para eu fazer o *Bandeira* e o *Samba de Guerrilha*... Antes de apresentar o *Ninguém Faz Festa* falo sobre esse estereótipo da alegria, explicando que existe um certo mistério de como ela pode ser uma música tão alegre tendo surgido dentro de comunidades que historicamente sempre foram tão oprimidas. E cito uma frase de um sambista chamado Beto Sem Braço, a quem uma vez perguntaram isso mesmo, e ele respondeu que o que espanta a miséria é a festa. Então, não se trata tanto de desconstruir o estereótipo de que o samba é um género festivo, ou muito alegre, a ideia talvez seja desconstruir o estereótipo da festa e da celebração, que a gente tem a tendência de pensar como se fosse uma coisa alienante e vazia de significado, como se celebrar fosse algo vazio. Essa coisa de dividir muito a política da diversão, ou o sério do lúdico, a festa da luta... O samba é festa e é resistência, ele é divertido e político. São formas de ver a política que para uma visão mais conservadora são contraditórias, mas não precisam ser. Tenho um grupo de samba aqui, desde que eu cheguei em Portu-



gal, o Samba Sem Fronteiras, e a gente toca em festas de aldeia, em casinos, em muitos lugares, e a gente sabe que o motivo pelo qual as pessoas nos convidam para tocar é porque elas querem festa, diversão. A gente efetivamente faz a festa, mas dentro do repertório que a gente escolhe existem camadas de leitura e interpretação que podem ir mais fundo do que essa ideia de festa, porque tem inúmeros sambas que a gente toca que são super-animados, mas que têm letras cheias de mensagem política, muitas vezes, e isso é uma outra camada de leitura.»

Os brasileiros vão sobreviver, como sempre

Há cinco anos longe do Brasil, Luca Argel não deixa de acompanhar de perto as notícias. Trabalhando com o samba, esse olhar ganha uma atenção mais refinada, porque o samba que se faz hoje continua a refletir o presente em que surge, tal como sempre aconteceu, e das manifestações pelo Passe Livre à chegada ao poder de Michel Temer, poucas coisas escapam ao radar crítico e criativo de quem quer cantar os dias que vive. «Desde 2013 começou uma novela que até agora não teve um desfecho e não parece que vá ter tão

cedo. Do ponto de vista institucional, não tenho esperança nenhuma que o Brasil vá se recuperar, chegar a qualquer tipo de estabilidade política ou económica nos próximos anos, nenhuma mesmo. Não vejo quem salve o Brasil enquanto país, mas também confesso que não tenho um carinho especial pelo Brasil enquanto país, enquanto uma ideia de pátria, sabe? Eu gosto daquilo que as pessoas fazem, do Brasil enquanto uma entidade viva, que produz cultura, conhecimento, esse é o país que me interessa mais e esse eu acho que vai continuar existindo, independentemente das barbaridades que o Estado faça e que vai continuar a fazer, com certeza. As pessoas vão dar o seu jeito de sobreviver, como sempre deram. Se existe uma palavra que resume o meu olhar sobre o Brasil hoje, que não é pessimista nem otimista, é a curiosidade, não sobre quem vai cair ou ser colocado lá, não, tenho curiosidade de ver como é que as pessoas vão reagir e que estratégias elas vão usar para driblar todas as dificuldades que vão aparecer, porque vão aparecer.» E mesmo deste lado do Atlântico, Luca Argel há de trazer essas estratégias para as muitas referências que compõem o seu dia a dia, cruzando Rio de Janeiro e Porto num mesmo dedilhar ritmado de violão guerrilheiro.

Ricardo Viel

**co
centro do mundo
ve**

Germano Almeida conta num de seus livros que Cabo Verde foi um descuido divino. Após criar os continentes e distribuir neles as «riquezas que deviam alimentar os seus filhos», Deus repartiu as criaturas: os brancos na Europa, negros em África, amarelos pela Ásia e América. E então, dis-

traído, sacudiu as mãos, sem perceber que as tinha sujas de barro, e assistiu como, derramadas sobre o Oceano Atlântico, as gotas de barro formavam um conjunto de pequenas ilhas. E assim nasceu o arquipélago do Cabo Verde, segundo a mitologia que narra o romancista cabo-verdiano.



Uma das estrelas do FLMS – Festival Literatura-Mundo do Sal, que teve lugar na Ilha do Sal, entre os dias 6 e 9 de julho, Germano Almeida foi quem deu o mote para o encontro realizado na Ilha do Sal. «Para mim, Cabo Verde é o centro do mundo. Escrevo para ser entendido pela minha gente e ficaria desiludido se os cabo-verdianos não me entendessem. Se lá fora for lido e traduzido também fico contente, mas não escrevo a pensar nisso, nem é uma preocupação minha», disse o escritor logo na primeira mesa do festival.

Organizado pelo cabo-verdiano Filinto Silva, pela brasileira Márcia Souto e pela portuguesa Patrícia Santos Silva, o FLMS teve a curadoria de José Luis Peixoto e reuniu meia centena de convidados entre escritores, jornalistas, editores, tradutores, académicos e programadores culturais. Além das conversas, durante o festival foram realizadas oficinas, concertos musicais e uma obra de teatro (*As estrangeiras*, de Peixoto). O poeta cabo-verdiano Corsino Fortes e José Saramago foram os escritores homenageados.

Responsável pela conferência inaugural, a professora Inocência Mata, especialista em literatura africana, disse-cou o conceito de «literatura-mundo», eixo central dos de-

bates que se seguiram. A académica – natural de São Tomé e Príncipe e atualmente professora na Universidade de Macau – defendeu a necessidade de se «ampliar e amplificar» o cânone para que a literatura produzida em África deixe de ser classificada de periférica. Ao questionar o conceito de literatura universal (o cânone ocidental), a corrente a que se filia Inocência Mata propõe um novo olhar da produção literária em que a crítica que legitima o cânone passa por uma renovação. E foi a partir dessa proposta de uma nova maneira de ver a produção literária despida dos preconceitos que brotaram assuntos a serem discutidos. O papel da tradução e das pequenas editoras na difusão da literatura produzida em países que não estão no centro do mercado dos livros; a questão da identidade na obra literária e as muitas vozes possíveis de um autor/a; o exílio e a diáspora, a necessidade da existência de políticas de Estado para que os autores nacionais cheguem a outros territórios, a importância dos festivais e eventos literários internacionais, foram alguns dos temas discutidos.

A ideia de Cabo Verde como o centro do mundo seria repetida durante os três dias seguintes no encontro literário,



O colombiano Jerónimo Pizarro, que aprendeu português e tornou-se português por amor à literatura de Fernando Pessoa, discursou no último dia do festival. O catedrático da Universidade de los Andes partiu da ideia de Cabo Verde como centro do mundo para sugerir que o arquipélago sirva de pórtico, «dobradiça» que faça a ligação entre «continentes ocidentais e orientais». «Um arquipélago se assemelha a uma constelação e das constelações nascem os mitos», acrescentou.

Os desafios do festival

A possibilidade de um visitante ser abordado em português na Ilha do Sal é a mesma de que caia água do céu. Em média, na ilha cabo-verdiana chove 4 dias durante o ano. E como o turismo é o que move a economia local é compreensível que os moradores abordem os estrangeiros em outro idioma que não o português ou o crioulo. E por isso é tão importante que numa mesa com criadores de várias partes do mundo seja o português o idioma em que eles se comunicam. Dejan Tiago Stankovic (Sérvia), José Manuel

Fajardo (Espanha), Karla Suarez (Cuba), Sérgio Rodrigues (Brasil), Guiomar de Grammont (Brasil), José Luis Tavares (Cabo Verde), Yolanda Castaño (Espanha-Galiza), Jerónimo Pizarro (Colômbia), Eric M. Becker (Estados Unidos), foram alguns dos presentes no festival em Cabo-Verde. Cada um levou para o festival a sua maneira de falar português, e só por isso já teria valido a pena o encontro.

Não é nada fácil colocar em marcha um festival literário num local sem tradição de reuniões literárias e onde a aquisição de livros é uma tarefa bastante complexa. A população total de Cabo Verde é menor do que o número de visitantes que a Feira do Livro de Lisboa recebe anualmente, e o FLMS foi o primeiro desse porte no país de cerca de 400 mil habitantes (espalhados por nove ilhas).

Fazer com que Cabo Verde se torne um sítio que atraia visitantes também pela parte cultural, além do sol e da praia, é o grande desafio. E um festival como o realizado na Ilha do Sal pode ser o primeiro passo. É um desafio que pode trazer frutos, mas que não acontecem de um dia para o outro. E foi sobre isso que o Ministro da Cultura, Abraão Vicente, falou na conferência de encerramento do festival. «Perguntaram-



-me o que é que este festival muda na literatura cabo-verdiana e eu disse que amanhã não terá mudado nada. Não muda nada se não fizermos mais, se não tivermos livrarias que mereçam esse nome, se a Biblioteca Nacional não for realmente uma biblioteca nacional.»

Um festival literário não altera o panorama cultural de um lugar, mas pode ser uma centelha. Nem bem havia terminado a primeira edição do FLMS e organizadores e participantes faziam balanços, pensavam no futuro do encontro. A ideia é que na segunda edição a população esteja mais presente nas sessões, que as escolas participem nas oficinas, que haja uma mini-feira do livro e que mais editoras, livrarias e entidades associem-se ao projeto. Muitas ideias e uma certeza, Cabo Verde e a língua portuguesa ganharam um encontro literário internacional cuja história apenas começa.

Cinco olhares sobre o festival

Eric M. B. Becker

tradutor e editor da revista *Words without Borders*
(wordswithoutborders.org)

Se o objetivo deste 1º Festival de Literatura-Mundo do Sal era abrir e aprofundar um diálogo – dentro da lusofonia, entre a lusofonia e outras culturas do mundo—conseguiu. Além de ganhos concretos—uma apreciação e conhecimento maior da literatura cabo-verdiana, amizades forjadas tanto com escritores quanto com editores, tradutores, críticos do mundo afora—guardarei para sempre estas conversas que são simplesmente o começo de uma participação neste esforço para levar a literatura cabo-verdiana a outras margens do mundo. Como Germano Almeida ressaltou, lembremos que o Cabo Verde também é o centro do mundo, e é bom que fiquemos atentos.

Julio Silveira

Editor e produtor cultural brasileiro

Voltar ao Brasil, depois de quatro dias na Ilha do Sal e conversar sobre tantas culturas diferentes me deixou com dois sentimentos. O primeiro é que somos nós, um país continental, que nos comportamos como ilhas, voltados para nós mesmos. O segundo sentimento é aquele que dá em todos que visitam Cabo Verde: a sôdade.

Pilar del Río

Jornalista e presidenta da Fundação José Saramago

Antes de viajar a Cabo Verde não sabia, agora sei e não esquecerei: Cabo Verde é o centro do mundo. Quando Germano Almeida o disse, não entendi, foi necessário que o tempo passasse, que se convocassem iniciativas literárias surpreendentes,

e que surgisse a editora Rosa de Porcelana para colocar no papel as razões, intuições e sentimentos que nascem no arquipélago. Então tudo se clarificou e agora é fácil chegar a Cabo Verde, basta olhar o mapa sentimental, que é o que contempla todas as moradas.

Jerónimo Pizarro

Editor e professor catedrático na Universidade de los Andes (Colômbia)

O FLMS foi um convite a afirmar a literatura cabo-verdiana além das fronteiras desse arquipélago atlântico e a discutir questões sociais, históricas e literárias que incidem nessa literatura. Foi também um alargamento de outros festivais, num conjunto de ilhas em que a música domina o âmbito cultural, e uma celebração de um país de grandes escritores. Foi, por último, o início de uma «mensagem» que novas edições do FLMS vão

reiterar: Cabo Verde é insular, mas quer articular-se, ou «arquipelar-se» com outros puntos, cidades e países do mundo.

Yolanda Castaño

Poeta galega

Cabo Verde abriume os brazos cun contraste estimulante: a diferenza dunha paisaxe (xeográfica e humana) ben afastada da miña e a familiaridade dunha lingua máis-que-irmá; un espazo distinto e un idioma igual. Sobre ese fascinante pano, toda unha antoloxía viva de novos nomes (da creación escrita, dos estudos literarios, da crítica, da edición, da xestión cultural) que incorporar ao meu acervo persoal e á miña rede, e dos que tanto puiden aprender. E detrás deses nomes concretos: problemáticas, inquedanzas, aspiracións, circunstancias e mesmo soños de enteiros sistemas literarios que se poñen en común, que se comparten,

se contrastan, se apoian, se comprenden mellor, se matizan. Foi tamén a oportunidade de levar noticia da miña propia lingua, sistema literario e universo cultural. Como autora galega, experimentei o orgullo de facer parte dunha manifestación máis centrada nas escritas lusófonas (aínda que non só). Crear rede, alimentar contactos, asomarnos a novas poéticas, testar a propia condición. Comprobar a viabilidade do discurso galego dentro do universo lusófono nunha esfera de enriquecedoras tensións entre: linguas masivas/minoritarias, poder/periferia, colonizador/colonizado, etc. E aprender dunha cultura crioula (e como non vou sentirme eu tamén nalgún sentido periférica, atlántica e crioula?) da que, xa de agora en diante, namorei.

entrevista por **Sérgio Machado Letria**

Projeto

Num final de tarde lisboeta, uns dias depois do concerto que deu na Casa dos Bicos pelos dez anos da FJS, a *Blimunda* foi ao encontro de Jorge Palma para uma entrevista centrada nos 25 anos de publicação do seu disco *Só*. A conversa, livre, que se seguiu passou por muitos sítios, tendo a música de um dos mais importantes cantautores portugueses sempre presente. Acabou por ser uma viagem por mais de 40 anos de vida, uns mais duros que outros, mas sempre, sempre em liberdade.

Entre os anos de músico de rua e o Jorge Palma de hoje passaram mais de 40 anos. Que recordações guardas dessa altura?

Foi precisamente há quarenta anos, sim, 1977. As melhores, pá. De liberdade! Um gajo trabalhava para fazer o tipo de vida que eu gostava de fazer, dormia num hotel porreiro com casa de banho privativa, gostava de ir comer ostras, ir ao cinema, ver concertos. Vi Weather Report, Frank Zappa, vi-os todos, passaram lá todos. Portanto, para fazer esse dinheiro, tinha de esgalhar, aquilo era um bocado aleatório, mas era uma época em que as pessoas andavam com um sorriso, apanhei uma época de ouro, de 77 a 81. Havia uma certa ligeireza em termos de bolsa, numa hora podia fazer 100 francos ou mais. Não ficava parado nos corredores das estações, fiz esplanadas, quando chegava a primavera ou o verão. Aí pirava-me para o Sul, para Cannes, Suíça ou Itália.

O Metro tinha 4 carruagens, havia gajos de todo o mundo a tocar, e portanto isso foi um grande intercâmbio cultural, gajos de África, chineses, da América do Sul e do Norte, às vezes a tocarem instrumentos que eu nunca tinha visto, nem sabia como é que se tocavam. Depois, num café no

Odéon, em Paris, ao lado do Le Procope, onde o Voltaire se reunia com os enciclopedistas, o dono, que era um espertalhão, deixava-nos tocar lá na esplanada até às 2 da manhã. Era o ponto de encontro dos músicos de rua. Às tantas estávamos cheios de moedas. Havia uns tabuleiros para pormos as pilhas [de moedas] para aliviar o peso.

E tu tocavas coisas de outros ou coisas já compostas por ti?

Já tinha tocado em Portugal na rua, para os amigos, no Algarve. Em 76, o meu casamento estava mal, havia drogas, gravo o meu segundo álbum, o *Té Já*, ando por cá. Entre 75 e 77 houve um ano... Na Dinamarca habituei-me a fumar muito haxixe, sobretudo erva, mas não passava daí. Entre 76 e 77, foi ácidos, mas ácidos a sério, até que cheguei ao chuto e snifar, tudo. Dava um chuto daquilo e a ouvir Lou Reed ao vivo quase que me apetecia atirar-me pela janela. De repente um amigo do nosso grupo morre, e penso espera aí. Sem comer, só beber e drogas...

Temos de parar aqui, e parar é deixar o grupo, desaparecer. Peguei numa guitarra e fui para Espanha ver como me

safava, com cem paus no bolso. Não fazia muito dinheiro, o repertório era limitado, Dylan, Paul Simon, James Taylor, algumas coisas minhas. Depois aumentei o repertório.

Era portanto isso que tocavas nessa altura...

Sim, eu era muito tímido, sentava-me naquelas praças por trás das Ramblas, o pessoal dava-me pouco dinheiro, o suficiente para a pensão e para comer e davam-me muito haxixe... É importante pensar no tipo de liberdade, um gajo não sentia que estava a trabalhar, mesmo tocando 8 ou 9 horas, e acordava sempre sem dinheiro. Mas a verdade é que não sentia aquilo como trabalho. E sempre a cruzar-me com os outros, concorrentes que eram amigos, e solidários...

Isso era uma coisa que existia mais então...

Hoje noto aquilo um bocado triste, naquele período em que andei por lá os controladores do metro eram porreiros, fechavam os olhos, de vez em quando havia um controlo policial, pediam os papéis, mas não chateavam muito... E as miúdas, foram sempre um fator muito importante na minha vida, em ir para o rock...

E a música teve também aí um papel importante... ouves os Beatles e decides ir para o Algarve...

Eu estava num colégio interno, antes de acabar o 7.º ano, ouvia os Beatles, e fui para o Algarve e tinha decidido não voltar para o colégio, que era mesmo para corrécios. Em 1967, juntei-me com uns gajos no Algarve, uns gajos de Santarém, os Black Boys, que eram todos brancos, durante o verão correu muito bem, a tocar em bares. No fim do verão o meu pai apareceu e fez-me um convite: vens acabar o 7.º ano. E eu disse-lhe, deixa-me pensar nisso. No dia seguinte decidi ir viver com ele e com a minha madrastra, fui para o Colégio Académico nesse ano, e resolvi acabar o 7.º ano. Estive dois anos na Faculdade, mas aí já tinha o Sindicato, a minha banda.

E quando saís do país?

Isto foi um processo, a certa altura não tinha nada que me prendesse, já não havia casamento, só tinha cá a minha mãe, o meu pai estava no Brasil, e pensei vou mas é correr mundo. Começo a ver bem as letras do Dylan, a ler poesia dos gajos beat, leio o *On the Road*, muitos poetas. Aliás, eu

recebi o Lawrence Ferlinghetti em Lisboa. Em 84 ou 85, organiza-se uma coisa em Paris pelos dez anos do 25 de abril, foi lá toda a gente, o Trovante, o Sérgio Godinho, José Mário Branco, Rão Kiao, e conheci um português, um tipo *beatnik*, e ele pergunta-me se me importava de receber uns dias em Lisboa o Ferlinghetti, iam traduzir um livro dele em português, pela Barata, e digo-lhe que sim. Tinha um Mini, fui buscá-lo a Santa Apolónia e foi aí que ele se interessou muito por discos de malta portuguesa. Eu tinha vinis do Zé Mário, do Fausto, do Sérgio Godinho. Ele era editor da City Lights, em São Francisco, pensou publicá-los, pu-los em contacto, e ele quis editar o *FMI*. Acho que o Zé Mário não quis. Passeámos por Lisboa, fomos visitar o Elevador de Santa Justa, e ele escreveu um poema que me dedicou a pensar no meu elevador, que tinha grades. Chamava-se *The elevators of Lisbon*, dedicated to Jorge Palma. Não sei onde isso anda...

Até as minhas partituras, estavam organizadas por disco, estavam aqui. Agora já está melhor do que estive...

Naqueles poucos dias em Lisboa, chamou a Salazar o «homem com olhos de peixe». O poema dizia: «os amantes sobem e descem nos elevadores longe do homem com olhos

de peixe». Um dia o Cardoso Pires veio a minha casa porque tinha sabido pelo *El País* que eu tinha um poema inédito do Ferlinghetti. Estivemos uma manhã a beber chá e dei-lhe uma cópia. Conheci gente muito interessante...

Em 1991, depois de 5 discos editados, saía um dos discos mais marcantes, o *Só...*

Sim, é uma recriação de temas já gravados, mas apenas com piano e voz...

Como é que surgiu este projeto, foi uma ideia tua?

Não foi uma ideia minha. Gravei o *Bairro do Amor* em 89, que tem muitos temas com sopros, com o Tomás Pimentel, o Jorge Reis, o Edgar Caramelo e é um disco cheio de arranjos. Muitas cordas também... Em 90 virei-me para o Bach e para coisas do Mozart, fiz o exame de curso superior e no verão tenho o curso do conservatório, não tenho ideias para canções. E muitas pessoas, o David Ferreira, da EMI, por exemplo, o Tozé Brito, e alguns amigos diziam «estás a tocar tão bem, porque é que não seleccionas uma série de temas e fazes isso?» Fui para o estúdio da Valentim de Carvalho,

o antigo, com aquela acústica, um Steinway de concerto, o José Fortes e o Francis na cabine, e fez-se. Tinha de ser do princípio ao fim, tocar e cantar ao mesmo tempo... Olhava para a cara deles, para a expressão deles quando acabava o *take* e percebia se tinha de repetir.

Hoje, passados 25 anos, como olhas para ele, como o ouves?

Acho que está bem tocado, bem cantado.

E vês esse disco como um momento marcante?

Vejo, tornou-se marcante... Vinte e cinco anos depois é um disco que a maioria do público referencia, ainda hoje mo trazem para o assinar...

O Tozé Brito, A&R da editora foi quem deu o OK para o disco. A meio da gravação entrou o Carlos Maria Trindade para o lugar dele, ouviu algumas coisas, e esteve em todas as gravações a partir daí. Depois sugeriu fazermos a apresentação no Alcântara Café, num fim de tarde, alguns convidados, fui ao Bairro Alto comprar um fato do Tenente... Depois disso, começo a ir para o Johnny Guitar e a conviver

diariamente com o Zé Pedro, o Kalu, o Alex, o Flak e entro no mundo do rock...

E sai o *Palma's Gang* ao vivo no Johnny Guitar...

Foi gravado em 1992, em três noites ao vivo e é um disco que complementa o *Só*. Há várias canções que se repetem mas com outra sonoridade. No ano seguinte fizemos uma tournée. Depois, nos anos 90, depois do *Só* e do *Palma's Gang*, e até 2001 não gravei mais nada, mas trabalhei muito para teatro, colaborações com outros projetos [Rio Grande]. Colaborei com o Jorge Silva Melo, estreámos no Teatro de Almada, eram canções encenadas, do Brecht, um espetáculo que se chamava *Aos que nascerem depois de nós*, com música do Kurt Weil...

Ensaíávamos em casa, adaptávamos os textos enquanto o João Barrento traduzia. Foi uma coisa que fizemos com a Lia Gama, o Manuel Wiborg, o Bruno Bravo, o Pedro Assis, o João Meireles e o Miguel Borges.

E nessa altura não gravaste porquê?

Não senti necessidade, nunca me forcei a gravar nada e a







compor... Aliás, forcei um pouco no último que saiu, o *Com todo o respeito*, e podia ter ficado um pouco melhor. Estava bastante alterado, e não o considero tão bom como outros discos meus, houve problemas técnicos, era gravado em Lisboa e as misturas eram feitas no Porto, foi difícil...

Numa entrevista ao *Expresso*, de 2009, afirmavas: "Sou um boémio, mas as pessoas não se lembram que trabalho, não dão qualquer importância a isso. Eu trabalho mesmo, vou-me aguentando..." Pensas que hoje as pessoas ainda têm essa ideia sobre ti?

Tenho de corrigir uma coisa, eu acho que as pessoas dão importância a isso, dão mesmo, sinto isso nos concertos e senti isso nas seis noites que fiz do *Só*. Eram duas horas em cada concerto, fazia os 50 minutos do disco na íntegra, e para completar o concerto meti na cabeça tocar a *Patética* do Beethoven, os três andamentos. Depois ainda fiz *covers* do Cohen, do Leo Ferré, coisas minhas. E aí senti que o público, mesmo quando havia uma hesitação, estava comigo porque sabe que há trabalho, determinação, intenção...

Onde está hoje a boémia na tua vida?

Eu mudei radicalmente de há uns anos para cá, e não foi pela idade. Deixei de beber em 2014 e isso muda completamente a tua vontade de estares em bares até às tantas... Durante muitos anos eu procurava os mais bêbedos como companhias, a irreverência, a loucura. Agora, reparo que Lisboa e o país estão cheios de pontos de interesse, de bares com música. A minha vida mudou completamente, está mais pacata, vou ver teatro, exposições, concertos e faço uma viagem grande todos os anos: Brasil, Cambodja. Quero ir a África, ficar por lá dois meses.

Durante algum tempo, os teus concertos tinham uma marca de não se saber muito bem como estarias, como seria o concerto, que acabava sempre por ser um momento único. Que recordações tens desses tempos?

Havia sempre a expectativa de saber como é que eu estava... O público que via aí uma coisa de caricatura foi afastado. Bom, daquilo que me recordo... Havia uma certa irresponsabilidade, não é desprezo, tem a ver com a minha maneira de estar, a vida é minha, é única, a liberdade é uma coisa fundamental, se as pessoas vão ver é porque

gostam, se tocarmos uma hora ou quatro tanto faz... Fiz uma passagem de ano na Voz do Operário há uns anos, e durou várias horas... Hoje, esse tipo de loucura não está a acontecer... O que não quer dizer que se me apetecer tocar um tema, ou improvisar, deixe de o fazer... Mas apetece-me fazer mais pequenito, se eu tenho as capacidades, uns bons dedos, quero tirar partido disso, com mais brio. Vejo malta a tocar, vejo que são muito bons, e tenho mais vontade de aperfeiçoar. A coisa não se tornou mais sisuda, mas mais séria.

O *Encosta-te a mim* acaba por ser um tema marcante na tua vida musical. Foi tema de novela, e teve um grande sucesso. Como foi viver isso, depois de alguns anos a ser visto como músico de nicho, de culto?

Sim, mas pelo meio sai o *Norte*, um disco feito a seco, sem estar a beber, com boas canções, produzido pelo Mário Barreiros, e há quem diga que é um disco cerebral demais. Eu quando ouço, penso que está sinceramente bom...

Esse tema de que falavas, começou por ser um instrumental, como uma balada irlandesa, e tornou-se uma can-

ção que nem sequer pensava meter no disco. Alguns amigos, quando andávamos a fazer a tournée do *Cabeças no Ar*, todos me diziam que era uma grande canção...

E acabou por ser muito ouvida... Tu que eras visto como um músico de culto tinhas de repente uma canção a passar nas rádios, na televisão...

Vivi muito bem com isso, gostava era de conseguir fazer outras assim... Mas isto é assim, há aqui uma aritmética misteriosa, ou fazes canções chapa quatro, e eu sei fazer isso, mas não quero, não me dá gozo nenhum. Seria impensável! Tem de haver ali alguma coisa que mexa comigo, que me faça gostar de as ouvir o resto da vida. E estou nesse processo agora...

Estás a gravar?

Gravei cinco temas, depois de uma viagem ao Brasil, depois tive logo concertos, agora vêm os do Leonard Cohen e outros com a Orquestra do Centro, dirigida pelo Rui Massena, e portanto ainda não me concentrei nas gravações de novo...

Estou a trabalhar nesses concertos, a ver os temas, vou ter a minha banda elétrica, mas é uma cumplicidade com um amigo que sabe muito de música, com uma grande cultura musical... No caso do Cohen, vou estar com o David Fonseca, o Miguel Guedes, a Márcia, o Mazgani, o Samuel Úria, uns que conheço melhor, outros nem tanto, vamos fazer uma coisa a sério, bem feita...

Sempre foste uma pessoa de esquerda o que se nota também em muitas das coisas que compuseste...

Eu acho que naturalmente que sim, está na minha maneira de estar, de pensar, de agir. Sou igualitário, embora não me possa considerar um exemplo, ando com um automóvel a gasolina... Quando vês documentários sobre a distribuição da riqueza, percebes que isto não é infinito, e eu quero estar mentalizado e preparado para isso...

Familiarmente, não tive grande formação política, os meus pais não ligavam muito, tinha uns tios ou primos do lado da minha mãe que andavam próximos do PCP. Eu nunca estive filiado em nenhum, mas ainda no Camões tinha um colega angolano, a casa de quem ia comer uma cachupa

angolana, conversávamos muito, isto em 1964, e foi o primeiro a falar sobre a guerra, sobre várias coisas. Li bastante na infância e na adolescência, e coisas já bastante complexas, o Camus, o Boris Vian, as letras das canções, dos Beatles aos Stones, ao Dylan.

Depois, a minha colaboração e aprendizagem com o Ary dos Santos e amigos, em casa dele e na dos outros, passava lá tanta gente... Essas conversas foram muito importantes. E depois a minha ida para a Dinamarca. Estares numa casa, a ver televisão e de repente veres partidos políticos a discutirem, oposição e governo... Mas também na relação homem-mulher. Defendi sempre aquela maneira de estar latina, um bocado machista. Via aquela malta, de outros países, todos a vivermos na mesma casa, que me dizia que estava a desestabilizar a coisa, e eu respondia que nós, os do sul, é que estávamos certos, nós é que dávamos valor ao amor. E percebi que não... Modifiquei-me muito, até à adolescência vivi neste país, profundamente machista, que aceitava a violência de género, coisas que nem sequer se questionavam.

Depois de 4 anos de chumbo, com o último governo de direita, como vêes a situação hoje em Portugal? Ainda temos um pé no fundo do mar?

Eu gosto do António Costa e tenho respeito pelo Marcelo Rebelo de Sousa, que ainda por cima é divertido...

Sim, depois do Cavaco...

Estivemos com o Marcelo uma vez em Paris, já ele era candidato, ele tinha feito um prefácio para um livro de um português que vive em França há muitos anos. É inteligente, culto, tem aquele olhar perspicaz. Acho que o que se vive em Portugal, com a «geringonça» foi uma grande solução, bastante inovadora, e está a correr bem...

Consideras que um artista deve dar publicamente a sua voz a causas políticas ou consideras que deve limitar-se a escrever/compor, sendo essa a sua intervenção?

A minha posição é a de não ser elitista, cada um faz o que entende, se querem fazer arte pela arte, tudo bem. Agora, eu tento retratar o que me vai cá dentro, quando falo de realidades tento não ser maniqueísta ou entrar no panfletário, tento ser subtil e pintar os quadros. Tenho um esquema

que, como dizia antes, é misterioso. Acho que quando é caso disso um artista deve acompanhar o seu tempo e exprimir-se, expressar as suas convicções.

E não é por acaso que nunca me inscrevi em nenhum partido, não faria sentido aceitar algumas orientações, sou demasiado anarca. Mas a verdade é que de há 40 anos para cá, os convites que me são feitos, em alturas pré-eleitorais sobretudo, normalmente partem da esquerda... Acho que Portugal está no bom caminho, em 40 anos isto mudou muito, continuamos pobrezinhos, mas com muitas coisas boas...

E o mundo?

Com tantos esquemas, temos um mundo colorido, com um palhaço à frente dos Estados Unidos...

Para o teu primeiro disco escreveste o «Monólogo de um cidadão frustrado». Hoje, depois de tantos diálogos, continuas a ser esse cidadão?

Passou no Canal Memória há uns dias... Aí estava a fazer uma crítica, ainda muito verde, era uma fase muito à Rolling Stones, de provocação.

Mas hoje manténs esse lado provocador?

Tento manter, naturalmente sim, embora mais aburguesado, tenho de fazer alguma auto-crítica...

Porque te consideras um otimista cético?

Isso surgiu de uma entrevista que li do José Saramago. Gostava muito dele... Ele afirma nessa altura que era um otimista cético e isso foi um pretexto. De facto, sou otimista e quanto mais me vou inteirando dos processos, do que se passa aqui e em todo o lado vou mantendo um ceticismo que está presente. Um ceticismo que pode ser atenuado quando vejo o Obama a abrir laços com Cuba, os que este gajo já cortou. Eu preciso de ser otimista. Sei que no tempo da minha vida não vou ver grandes mudanças em algumas áreas, *la nave va*, como dizia o Fellini. Há coisas que posso exprimir nas letras, ou a conversar contigo, mas é tudo o que posso fazer... Isto preto no branco, se o nível de consciência geral fosse como o meu, isto estaria melhor, havia mais igualdade, isso havia...

Fotografias

Sílvio Jesus

www.silviojesus.com

Um muro chamado Europa: vidas suspensas nos campos de refugiados.

Joana Simões Piedade

No dia 5 de julho, a Fundação José Saramago, numa sessão organizada em conjunto com a campanha «Eu também sou refugiado», recebeu Joana Simões Piedade, voluntária num campo de refugiados na Grécia, para uma conversa sobre a situação dramática de milhares de pessoas que encontram na Europa um muro intransponível. A *Blimunda* publica agora o texto que a ativista preparou para a sessão, levando este testemunho aos seus leitores.

«O episódio só foi de facto impressionante para quem lá esteve. Os outros assistiram de longe, em casa, no teatro doméstico que é a televisão, no pequeno retângulo de vidro, esse pátio de milagres onde uma imagem varre a anterior sem deixar vestígios, tudo em escala reduzida, mesmo as emoções. E aqueles espectadores sensíveis, que ainda os há, aqueles que por um nada se põem a lacrimejar e a disfarçar o nó da garganta, esses fizeram o de costume quando não se pode aguentar mais, diante da fome em África e outras calamidades, desviaram os olhos».

A Jangada de Pedra, José Saramago

Durante meses passaram pelos meus olhos lacrimejantes as imagens que o mundo inteiro viu pela televisão. E continua a ver. Barcos lotados de homens, mulheres e crianças a atravessar um Mar Egeu feito cemitério. Fronteiras a ser fechadas. E com o seu encerramento velhos fantasmas da história a reaparecer por cima dos muros altos: os fios de arame farpado, as pulseiras de identificação, militares a ser enviados para as fronteiras. Aos valores fundadores da Europa como a conhecemos: paz, unidade, igualdade, liberdade, solidariedade, livre circulação, direitos humanos, sociedade aberta, os senhores do poder parecem exclamar: Renuncie-se! Vale tudo para travar homens, mulheres e crianças. Foi (e é) assim durante meses, anos. Assisti pela televisão, lacrimejei, senti o nó na garganta, desviei os olhos. Até que decidi ir.

Embarquei para Chios, na Grécia, porque queria ser testemunha ativa de uma crise humanitária que me envergonha e da qual os refugiados são a face mais visível. Queria ouvir e conhecer algumas das vítimas de uma tragédia que já é rotina, quotidiano.

Queria saber quem eram estes seres humanos antes de entrarem em barcos lotados e tendas com um número colado à porta. Queria perceber se a incompetência, a indiferença e o descaso das instituições era mesmo real. Queria tentar perceber, conhecer melhor e, ingenuamente – agora sei, contribuir de alguma forma.

Cheguei à Grécia em janeiro passado, nos dias seguintes a uma vaga de frio polar que foi notícia no mundo por causa das condições nos campos de refugiados. Depois da tempestade veio a bonança e a verdade é que, no primeiro impacto, enquanto caminho pela marginal da cidade quase que, por momentos, esqueço o que me trouxe ali.

Haverá mesmo campos de refugiados na ilha?

Vejo cafés com vista para o mar azul e para a Turquia. Grupos de amigos bebem cappuccinos, cervejas, vinho. Numa montra um grupo de aprendizes de cabeleireiro treina cortes de cabelo em perucas. Passo por bancas de peixe fresco e pastelarias com pão acabado de sair do forno. Nas lojas, tabuletas anunciam a venda de mástique, uma resina extraída de plantas que serve para vários fins desde a confeção de gelados, dentífricos ou licores. Na Grécia o mástique é, pelo seu aspeto brilhante e translúcido, conhecido como «lágrimas de Chios». E à primeira vista esta é toda a aparência de tristeza que ali encontro... Em breve percebo que aquele pequeno ponto no Mar Egeu é um microcosmos, uma metáfora do mundo, onde realidades díspares convivem em paralelo.

Chios é um pedaço de terra rodeado de mundo por todos os lados. Um mundo que arde em chamas – Síria, Afeganistão, Iraque, Nigéria, Congo – e que desagua nas ilhas gregas à procura de salvação.

São Refugiados. Ou serão Migrantes? Refugiados. Migrantes. A distinção serve também como pretexto para a discriminação na resposta a dar a problemas, antes de tudo, humanitários. Uns fogem da guerra e da morte. Outros fogem da pobreza, de pontos do globo instáveis. Todos carregam consigo histórias dramáticas e nunca pensaram que a Europa lhes negasse o direito à dignidade e os recebesse de forma sub-humana.

No meio das tensões, do desalento, da desesperança, do cansaço, da violência, conheço no campo de refugiados de Souda gente que luta, gente que sobrevive, gente com referências culturais fortes, gente que tenta dar um significado às suas vidas, gente que se mobiliza, que ri, que dança, que lê, que não desiste.

Conheço Yosra, síria, 30 anos, Engenheira Agrícola e professora na Universidade, fala árabe, inglês e alemão. Vivia na cidade de Deir al-Zor nas margens do Rio Eufrates, uma das regiões agrícolas mais férteis do país além de rica em recursos como petróleo e gás. Uma cidade entretanto cercada pelo ISIS/Daesh. Yosra está em Chios desde novembro com o marido e as duas filhas mas se a Paz chegasse à Síria voltava para lá amanhã. “Nunca ninguém está à espera que aconteça uma coisa destas. Eu tinha uma vida normal e feliz. A Síria era o país mais bonito do mundo”. Yosra nunca teve o sonho europeu.

Conheço Mustafa. Sírio, chegou a Chios no final do março de 2016, depois do Acordo firmado entre a União Europeia e a Turquia. Antes, vivia no centro de Aleppo onde tinha o que diz ser «uma super vida» com a mulher e os filhos, emprego na indústria farmacêutica, casa, carro, filhos a estudar. De um dia para o outro, perdeu tudo. Viu-se perante duas hipóteses: suicidar-se ou tentar um recomeço. Escolheu a segunda. E

deixa a mensagem. «A Europa está a criar monstros. Se as crianças vão para a escola, vão ser profissionais, vão ser médicos, professores. A viver aqui aprendem apenas a beber, a mentir para sobreviver, serão criminosos. Tenho 42 anos, o meu tempo está a passar. Quando posso recomeçar a minha vida como ser humano? Quando deixarei de ser um animal na fila para ter comida, para ter roupa? Quando chegará esse dia?»

Conheço Ibtesam, palestina. Quantas vezes se pode ser refugiada na vida?

Para Ibtesam esta é a segunda vez. A história familiar repetiu-se de forma irónica. Quando pequena, os seus pais foram obrigados a fugir da Palestina e a refugiar-se na Síria, no campo de Yarmouk, arredores de Damasco. Ali cresceu, viveu, prosperou, conheceu o iraquiano Haider. Casaram, tiveram quatro filhos, fizeram negócios, duas lojas de perfumes e cosméticos e um salão de beleza que Ibtesam geria e onde trabalhavam mais sete funcionárias. Ao fim de semana nadavam nas piscinas públicas e passeavam no Jardim Zoológico de Damasco. «Antes da guerra tínhamos uma vida muito boa: casa, negócios, as nossas filhas estudavam, se estávamos doentes íamos ao hospital. Tínhamos tudo o que precisávamos e queríamos», diz. De um dia para o outro tudo mudou e teve de fugir da Síria à procura de Paz na Europa. É refugiada pela segunda vez na vida.

A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados (Genebra, 1951) nasceu para proteção destas pessoas. Mas seis décadas depois, a política europeia de asilo vive um paradoxo: oferece proteção na fortaleza europeia enquanto puxa, ao mesmo tempo, a ponte levadiça. Arriscam-se viagens perigosas, passam-se meses e anos com as vidas suspensas em terra. Milhares esperam para ser ouvidos, esperam por um

papel, por um estatuto, por uma recolocação, por uma ordem de deportação. O que for.

Em fevereiro deste ano, o programa de deslocalização da União Europeia, que visava retirar das ilhas da Grécia e Itália 160 mil pessoas e distribuí-las pelos Estados-membros, apenas tinha cumprido cerca de 7% do seu objetivo. Os países europeus não cumprem o que prometeram, não respeitam as leis e compromissos existentes e falham.

Mas nem só da guerra fogem os habitantes dos campos de refugiados de Chios.

A Nigéria é o maior produtor de petróleo de África mas isso serviu de pouco a Esther, nigeriana de 24 anos. Voou de Lagos e aterrou no Aeroporto Internacional de Istambul para trabalhar numa loja de produtos africanos. Tinha sido enganada e acabou numa rede de prostituição. Quando a conheci estava grávida de sete meses. Também Zico vem de um país rico em minérios apetecíveis às indústrias ocidentais, que todos utilizamos nas máquinas a que estamos ligados diariamente, dos telemóveis aos computadores, a República Democrática do Congo, mas as riquezas do solo africano quando nascem não são para todos. Esther e Zico são vítimas de um mundo desequilibrado e profundamente injusto. E eles, simplesmente, não se quiseram resignar à sua condição.

A globalização encurtou distâncias, aproximou países e povos, tornando o mundo mais pequeno. Mas, ao mesmo tempo, as fronteiras são reforçadas, tornando-se verdadeiras fortalezas ou «feudos modernos», como é o caso da Europa ou dos Estados Unidos. A classificação é do professor canadiano Joseph H. Carens que defende que «o conceito de cidadania e de nacionalidade nas democracias ocidentais é o equivalente aos privilégios e direitos feudais – um estatuto herdado que só por si permite uma

vida melhor». A mobilidade passou a ser o «fator de estratificação» mais poderoso e cobiçado dos nossos dias.

Os líderes europeus conseguem, debaixo dos nossos olhos, alcançar uma dupla proeza. Por um lado, descartam-se da responsabilidade de apoiar (e terem apoiado reiteradamente) guerras insanas, – Iraque, Líbia, Iémen, Síria – de lucrar com a venda de armamento, de criar um mundo instável e desigual, de beneficiar e prosperar direta e indiretamente com o caos alheio. Descartam-se também da responsabilidade histórica pela instabilidade política, económica e social na África Subsariana com a divisão do continente a régua e esquadro e criação de fronteiras artificiais, pilhagens e saques ao longo de séculos. E não admitem que ninguém põe a sua vida em risco se vivesse num país próspero e em Paz.

A quantidade de recursos financeiros e montantes dedicados à gestão do problema dos refugiados, de que é exemplo o acordo com a Turquia, passa a ser chocante quando conhecemos as condições dos campos. Em Chios vi que as decisões desumanas e indignas movimentam a sociedade civil, as ONG, voluntários de todo o mundo que respondem com generosidade mas continuam a faltar respostas públicas fortes e estruturadas dos Estados que resolvam efetivamente a situação de milhares de pessoas.

Yosra, Zico, Esther, Mustafa, Zafir, Mahmud fugiram para resgatar as suas vidas. Mas cumprir este direito é visto pela Europa como uma ameaça e, por isso, são mantidos reféns.

Como é voltar a casa? perguntam-me

No regresso a Portugal e do alto do avião, Chios vira um ponto minúsculo no Mar Egeu. Eles continuam por lá e eu mergulho novamente nas rotinas da minha vida normal. E com isso temo esquecer os nomes, as caras. Imprimo algumas fotografias e penduro-as numa parede de casa. Partilho com amigos e desconhecidos o que vi e ouvi. Continuamos em contacto. Boas e más notícias misturam-se em catadupa. Pelo Facebook festejo os pequenos avanços de alguns. «Consegui ir para Atenas!». «Vou para Espanha». Ao mesmo tempo contam-me sobre atos de violência da parte de grupos da extrema-direita grega, ateando fogo a tendas do campo. E também a violência entre refugiados, resultado de exaustão, fome, campos sobrelotados e sem segurança, tentativas de suicídio frequentes, a agudização de doenças do corpo e da alma. Vejo como Asa, curdo da Síria, partilha um vídeo onde aparece numa sala de detenção, com grades, parece sob o efeito de algum tipo de droga e bem diferente do rapaz que conheci em Chios há apenas alguns meses. Esther, a nigeriana de quem falei, conta-me por whatsapp que já foi mãe e envia-me a fotografia do seu recém-nascido em Atenas. Chama-se Gabriel.

Leio notícias nos jornais, leio os comentários na internet, e oiço as conversas nos transportes, os ecos de frases feitas, o desconhecimento, o preconceito, o medo. «Primeiro devemos ajudar os nossos». «São terroristas». «Vêm para cá roubar-nos o trabalho». Atiram-se pedras.

José Saramago, em junho de 2009:

«Que atire a primeira pedra quem nunca teve nódoas de emigração a manchar-lhe a árvore genealógica... Tal como na fábula do lobo mau que acusava o inocente cordeirinho de lhe turvar a água do regato onde ambos bebiam, se tu não emigraste, emigrou o teu pai, e se o teu pai não precisou de mudar de sítio foi porque o teu avô, antes dele, não teve outro remédio que ir, de vida às costas, à procura do pão que a sua terra lhe negava. Muitos portugueses morreram afogados no rio Bidassoa quando, noite escura, tentavam alcançar a nado a margem de lá, onde se dizia que o paraíso de França começava. Centenas de milhares de portugueses tiveram de submeter-se, na chamada culta e civilizada Europa de além-Pirinéus, a condições de trabalho infames e a salários indignos. Os que conseguiram suportar as violências de sempre e as novas privações, os sobreviventes, desorientados no meio de sociedades que os desprezavam e humilhavam, perdidos em línguas que não podiam entender, foram a pouco e pouco construindo, com renúncias e sacrifícios quase heroicos, moeda a moeda, centavo a centavo, o futuro dos seus descendentes. Alguns desses homens, algumas dessas mulheres, não perderam nem querem perder a memória do tempo em que tiveram de padecer todos os vexames do trabalho mal pago e todas as amarguras do isolamento social. (...) Outros muitos, a maioria, cortaram as pontes que os ligavam àquelas horas sombrias, envergonham-se de terem sido ignorantes, pobres, às vezes miseráveis, comportam-se, enfim, como se uma vida decente, para eles, só tivesse começado verdadeiramente no dia felicíssimo em que puderam comprar o seu primeiro automóvel. Esses são os que

estarão sempre prontos a tratar com idêntica crueldade e idêntico desprezo os emigrantes que atravessam esse outro Bidassoa, mais largo e mais fundo, que é o Mediterrâneo, onde os afogados abundam e servem de pasto aos peixes, se a maré e o vento não preferiram empurrá-los para a praia, enquanto a guarda civil não aparece para levantar os cadáveres. Os sobreviventes dos novos naufrágios, os que puseram pé em terra e não foram expulsos, terão à sua espera o eterno calvário da exploração, da intolerância, do racismo, do ódio à pele, da suspeita, do rebaixamento moral. Aquele que antes havia sido explorado e perdeu a memória de o ter sido, explorará. Aquele que foi desprezado e finge tê-lo esquecido, refinará o seu próprio desprezar. Aquele a quem ontem rebaixaram, rebaixará hoje com mais rancor. E ei-los, todos juntos, a atirar pedras a quem chega à margem de cá do Bidassoa, como se nunca tivessem eles emigrado, ou os pais, ou os avós, como se nunca tivessem sofrido de fome e de desespero, de angústia e de medo. Em verdade, em verdade vos digo, há certas maneiras de ser feliz que são simplesmente odiosas».

E queria mesmo terminar este texto de uma forma mais otimista. Mas desconsigo deste intento. Peço talvez ajuda ao nosso anfitrião de hoje, homem e escritor que nos deixou a força das palavras para continuar a lutar. Volto atrás nas suas palavras perante o «atirar de pedras» a quem chega à margem do Bidassoa, como do Mediterrâneo, ou do Egeu: «há certas maneiras de ser feliz que são simplesmente odiosas». Tentemos então, enquanto Humanidade, ser felizes da maneira certa.

A CASA DA ANDRÉA

6.

ANDRÉA ZAMORANO

Meia hora mais cedo. Ótimo.

Desde que se tornara sua filha que ele espera por este dia. Já avisou que razões de força maior o impedirão de seguir hoje no voo para Brasília. A votação da Emenda Constitucional seria daí a dois dias. Haveria tempo, lá chegaria. A aproximação da data fazia-o dormir muito mal. Tivera várias vezes o mesmo pesadelo, repetidamente; via-a correr em volta da casa como uma vestal, a aproximar-se das rosas brancas e a picar-se num dedo. As rosas ficavam todas vermelhas, ela escondia-se. Viviam agitado, estava muito impaciente. Não era fácil movimentar-se com discrição no meio daquela azáfama. A cada dez minutos, alguém do partido ligava com uma novidade mais imperiosa. Os populares estavam a fazer uma imensa pressão para a aprovação da Emenda. Altura mais inoportuna para decidirem mudar tudo. Sem falar dos jornalistas que rondavam, ratos insaciáveis à procura de comida. Houve muito poucas criaturas a que dedicou tempo a odiar. Era cada vez mais impossível trabalhar, e os poucos processos que ainda tratava pessoalmente, por conveniência, acumulavam-se no escritório. O tempo escasseava na sucessão de imponderáveis que se apresentavam a cada notícia. A sua capacidade de concentração em matérias que não fossem Eulália estava

péssima. Constantemente alguém o despertava daquele torpor: «Está de acordo, Dr. Sá Vasconcelos?» Costumava dizer que não, só para não demonstrar fraqueza. Pedia sempre que lhe apresentassem um argumento mais convincente. Era a forma de o ajudar a recuperar o fio das coisas. As rosas, Eulália não entendia. Ensinou-a a amar as rosas tal como já fizera o seu avô, Leopoldo Augusto Antunes de Sá Vasconcelos. Depois, aquele inferno de calor, a cidade caótica. A chuva seria bem-vinda. Mas sem as multidões. A chuva era linda sem pessoas a atravessarem-se no retrato. O povo molhado tornava-se ainda mais feio, mais pobre, mais repulsivo. Só gostava que chovesse quando estava em casa ou lá em cima, no escritório. Detestava quando era obrigado a ver os seres espremidos nas paradas de ônibus, cobrindo as cabeças com sacos plásticos de supermercado, abrigando-se nas marquises decadentes que faziam correr águas escuras dos seus beirais. Pelo vidro do carro, via os pés pisando as poças, chafurdando na lama, afundando-se mais no interior daquela pobreza que os rodeava. Mandou a secretária aumentar o ar condicionado da sala. Quando era criança, não fazia tanto calor – ou então a cidade não era tão cheia. Não sabia. Sabia que olhava lá para baixo e via as filas de pessoas caminhando para trás e para a frente e lembrava-se dos carreiros das formigas. Centenas e centenas de formigas que ficava a ver ir e vir, sentado no degrau

da varanda. Às vezes colocava-lhes um obstáculo a meio do percurso, o pedacinho de um ramo, só para elas terem de dar a volta ou passarem por cima. As decisões variavam. Em todo o caso, gostava de ficar ali sentado, sozinho, vigiando as formigas operárias. Imaginava as vidas naquela sociedade e pensava que, se fosse formiga, e vivesse naquele mundo, certamente teria de alterar as regras. Seria ele o rei, nunca uma formiga. Dali, do alto, as pessoas até tinham algum interesse enquanto operárias. De perto eram demasiado imperfeitas. Não se sentia um fatalista apesar de o destino ter feito uns arranjos curiosos. Continuava a pensar nos dois, nas coincidências. Ambos cresceram sozinhos. Eulália era muito pequena, ele também. A sua lembrança era a de ser invariavelmente deixado para trás por um vulto alto que percorria a sala com saltos que martelavam a madeira do chão. Um homem magro puxava o vulto pelo braço. Entraram no Buick. Sozinhos, como de costume. Não percebeu se estavam a rir ou a discutir. Nunca mais regressariam. Depois, a correria dos empregados, o telefone que não parava de tocar, o seu avô a deixar-se cair no cadeirão da varanda. Alguém segurou a sua mão e o levou para o quarto. Pelos ossos magros, os calos e outras deformidades, acredita ter sido Raimundo. Só se lembrava da repulsa que aquele contato lhe provocou

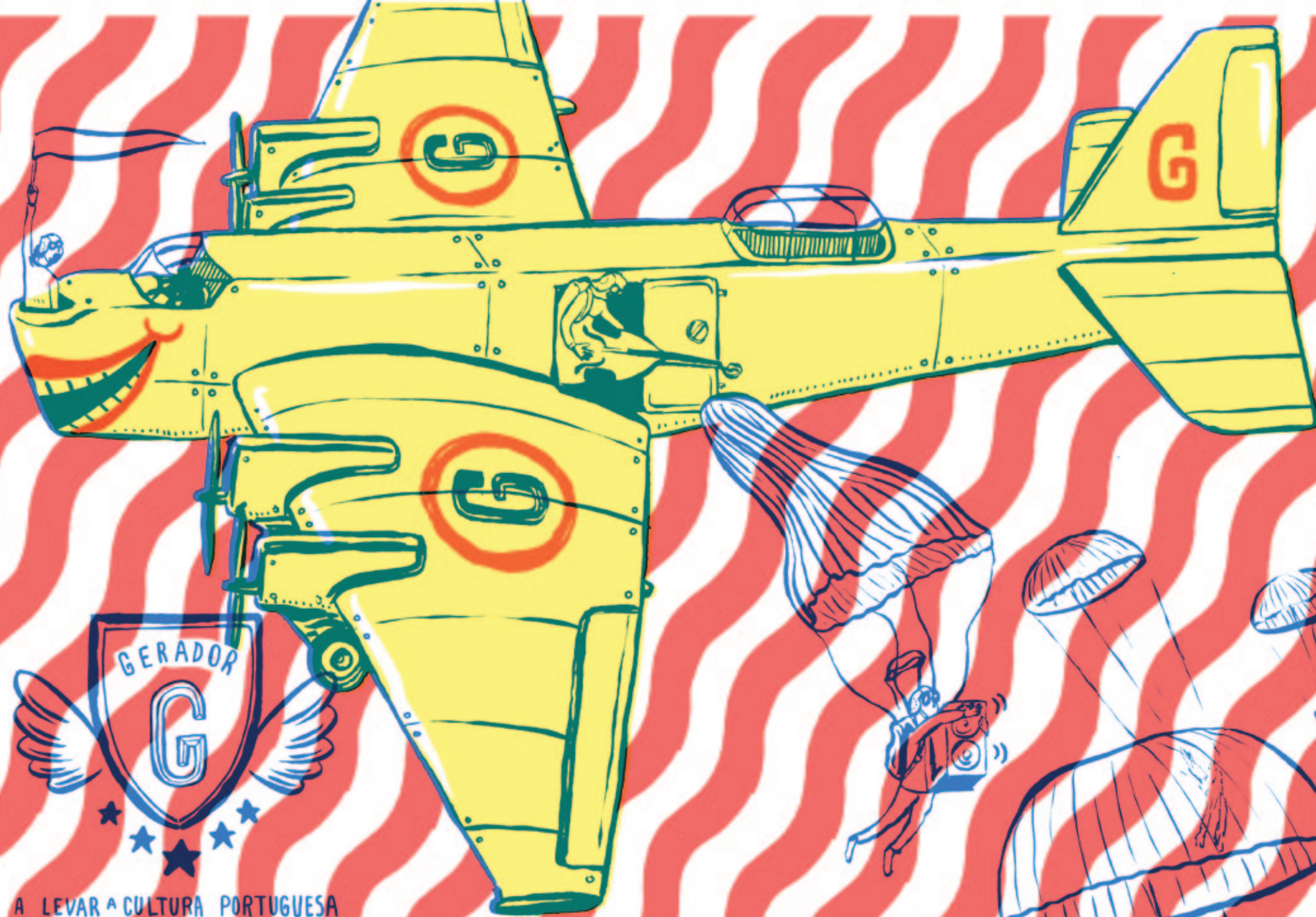
mas, mesmo assim, não o largou. Sentia que alguma coisa estava a perder-se ali, naquele instante, e não poderia deixar que essa coisa o abandonasse, partindo pela vida fora. Apertou com toda a força aquela mão com pele de lagarto. Não chorou. Só depois, quando se sentiu abandonado. Sentiu raiva. Partiu toda a coleção de miniaturas de animaizinhos em cristal de Murano da mãe. Tinha cinco anos. Achava-os tão bonitos. Não entendia porque não o levavam. O coelho, o ursinho, a rã com o seu pequeno filho, o cavalo-marinho. Nunca mais os veria. Todos despedaçados em minúsculos estilhaços, sem maneira de lhes reconhecer alguma forma. Depois foi até à cozinha, agarrou no pilão e moeu os pedacinhos até só restar um fino pó ao qual juntou cola branca, como vira o seu Raimundo fazer um dia, e fez o mais caro cerol de sempre. Não o usou depois. Aquilo ficou duro ao ar. Pensou em degolar umas galinhas mas não tinham, não costumavam comer galinha. Eulália gostava de galinha, não a deixava comer. Não era adequado. O calor, as formigas, os seus pais, o avô. Não pretendia ressuscitar morto nenhum. Porque não ficavam onde estavam? Até se lembrou da outra. Mas não queria, ela que permanecesse lá.

Saiu meia hora mais cedo.

AMIGO

The logo of the Fundação José Saramago is a dark blue circle. Inside the circle, on the left, is a stylized red letter 'f' that resembles a musical note. To the right of the 'f', the words 'Fundação José Saramago' are written in a red, sans-serif font, stacked in two lines.

Seja amigo da Fundação José Saramago e desfrute de entradas gratuitas na Fundação, desconto de 10% na loja e nas suas delegações, uma visita de grupo gratuita em cada período de validação e descontos nos locais parceiros da Fundação, tais como teatros e museus. Campanha a iniciar em setembro.



A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRE-NOS EM GERADOR.EU

A photograph of a large, modern library interior. The space is filled with tall, metal bookshelves that reach up to the ceiling. The shelves are arranged in a grid-like pattern, creating a sense of depth and scale. In the center, a wide staircase with a glass railing leads to an upper level. The lighting is soft and even, highlighting the architectural details and the vastness of the collection. The overall atmosphere is one of quiet study and intellectual pursuit.

ANDREIA
BRITES

Biblioteca Vas- concelos: a hos- pitalidade segun- do Daniel Goldin

Um preâmbulo para falar do Encontro

Na sala de exposições do 1.º andar, no Cine-Teatro de Pombal expunham-se quinze anos de Caminhos de Leitura. As imagens criadas por Mafalda Milhões para cada edição, em conjunto com os programas e as palavras de alguns dos convidados sobre o Encontro e a promoção da leitura entretecem-se em memórias que foram crescendo. Em conversa informal, no átrio do edifício onde decorreram muitas das oficinas e conferências, ouvimos a própria livreira a comentar como é bonita a coincidência desta data redonda atingir na mesma altura os Caminhos de Leitura e a Bichinho de Conto, que cumprirá precisamente quinze anos no final de 2017.

Entre o Cine-Teatro, a Biblioteca Municipal e o Jardim da Várzea a programação alimentou públicos distintos, professores e mediadores de leitura, grupos escolares, famílias e adultos, entre 8 e 10 de junho, sendo que algumas das oficinas tinham decorrido a 27 de maio. Dentro do modelo criado originalmente, que suportava essencialmente a narração oral e a possibilidade de ouvir especialistas sobre promoção da leitura nas suas mais diversas vertentes, o Encontro foi ganhando mais espaço e as oficinas, certificadas como ações de

formação, chamaram mais público. Os convidados têm também sido criteriosamente escolhidos: escritores, ilustradores, especialistas em literatura infantojuvenil, narradores orais, bibliotecários, mediadores vindos de geografias diversas, com experiências de exceção a par de um núcleo português que marca presença regularmente.

Este ano o programa tinha três nomes internacionais que se destacavam: a escritora brasileira Marina Colasanti, o designer japonês Katsumi Komagata e o diretor da Biblioteca Vasconcelos, no México, Daniel Goldin.

Um acidente inesperado

A *Blimunda* viajou até Pombal para assistir a uma parte das conferências e entrevistar Daniel Goldin. A organização do Encontro disponibilizou-se a mediar o contacto depois da sua conferência. Todavia, no final da comunicação Daniel Goldin sentiu-se mal e a nossa conversa não pode realizar-se. Ao longo de mais de uma hora, o seu discurso foi sempre pautado por silêncios que depois comprovaram as dificuldades que o conferencista já sentia. Apesar disso, Goldin esforçou-se para não desiludir e partilhou a sua experiência enquanto editor



e, desde há quatro anos, como diretor da maior biblioteca pública do México. O que esta experiência teve de original foi a relação sempre presente entre a ação e o pensamento como componentes fundadores de uma observação implicada que, da forma como a descreve, quase poderia cumprir os requisitos do método científico.

Qual a função de uma biblioteca como a Vasconcelos? Como chegar ao público? Como se cria uma relação de proximidade com os usuários numa biblioteca de dimensões tão grandes? Na base de tudo está a hospitalidade, a arte de bem receber.

«Sou um experimentador experimentado»

Conta Daniel Goldin, quando apresenta o espaço, que o edifício da Biblioteca Vasconcelos tem trezentos metros de comprimento, recebe cerca de dois milhões de pessoas por ano, o que perfaz uma média de 5500 pessoas por mês, está aberto onze horas por dia e ali se realizam cerca de duas mil atividades por ano. São sete andares de estantes abertas que albergam cerca de seiscentos e cinquenta mil títulos. Antes de chegar, a Biblioteca já tinha tido vários diretores nos pou-

cos anos de existência, e inclusivamente tinha estado fechada por problemas estruturais. Goldin viu-se perante uma exigência: se a biblioteca é pública, se foi construída com dinheiro dos contribuintes, não só daqueles que vivem perto mas de todos, era preciso fazer a biblioteca chegar até eles. A todos. A sua primeira premissa foi precisamente experimentar. «O que aprendemos a experimentar é contingente, não o podemos repetir noutros contextos, dependemos do espaço e dos instrumentos que temos ao dispor. De cada vez temos de nos reinventar.» Começou a passear pela biblioteca, a ouvir pessoas, a conversar. Sem tentar conhecer os outros, os que com ele trabalhariam e todos os que frequentavam o espaço, não seria possível encontrar caminhos para levar aquele projeto monumental a todos. A ideia de todos não se limitava a uma área geográfica de proximidade, embora Goldin também tivesse diagnosticado que muitas das pessoas que viviam perto da Biblioteca nunca lá tinham entrado. Mas, para além de ser necessário chegar a esses vizinhos físicos, era urgente chegar aos outros cidadãos mexicanos cujos rendimentos também ajudavam a alimentar a estrutura. Por isso era preciso investir nas redes sociais e dialogar, comunicar, usá-las para também aí ouvir os usuários virtu-



ais. Hoje, a página do facebook da Biblioteca Vasconcelos é a mais visitada de todas as bibliotecas do mundo, incluindo a Biblioteca do Congresso dos EUA, em Washington. Basta percorrê-la para verificar milhares de likes em citações literárias diversas nas épocas e geografias, assim como em muitos vídeos publicados, sejam eles sobre a programação própria, seja sobre temas diversos, como a discriminação de gênero ou o apelo a que não se roubem livros nas bibliotecas. A par de uma constante atualização da programação, que reaparece ciclicamente, há notas informativas, destaque para efemérides e ainda apresentação de fundos. Sobre as atividades, não é difícil perceber que há concertos, narração, apresentação de livros, conversas, jogos... Mas até aqui, nada parece assim tão novo. O que faz então desta Biblioteca uma biblioteca diferente? A proximidade. Como se conseguem criar relações de proximidade com dois milhões de pessoas? Daniel Goldin sintetiza: para que as pessoas se interessem pelas bibliotecas, as bibliotecas devem manifestar um interesse genuíno pelas pessoas. E aponta o dedo às instituições. «O cerne da minha comunicação é que do ponto vista científico não existe nem silêncio, nem ruído. Ambos não são realidades objetivas, apenas percepções. O que existe são condições que facilitam ou impedem a comunicação. Uma das

mais importantes é a disposição para conversar. Em geral as instituições educativas, escolas ou bibliotecas, têm sido mais relutantes em admitir essa disposição porque, embora sejam organismos para o diálogo, determinam na sua maioria quem detém o conhecimento e quem não o detém e usam as suas ferramentas e os seus espaços da forma mais conservadora.» Acrescenta ainda que «a biblioteca era outro lugar que não era a casa, a escola, o trabalho, a rua. Mas era algo de todos, onde o diverso convivia de muitas maneiras.» Esse valor do outro já vinha da época de editor, quando nos anos 80, foi convidado para criar um catálogo infantojuvenil no Fondo de Cultura Economica, a mais importante editora mexicana. Para vincar a sua posição, o atual diretor da Biblioteca Vasconcelos explica que a leitura e os livros nos devem permitir a todos o encontro com o outro, sendo esse outro até nós próprios, na diversidade e na diferença que também promove a comunicação e o diálogo. A sua experimentação tem sido, nestes quatro anos, a experimentação da hospitalidade.

Uma casa de diálogos

À Biblioteca vão todo o tipo de pessoas, com motivações muito distintas. Donas de casa, crianças, jovens, estudan-



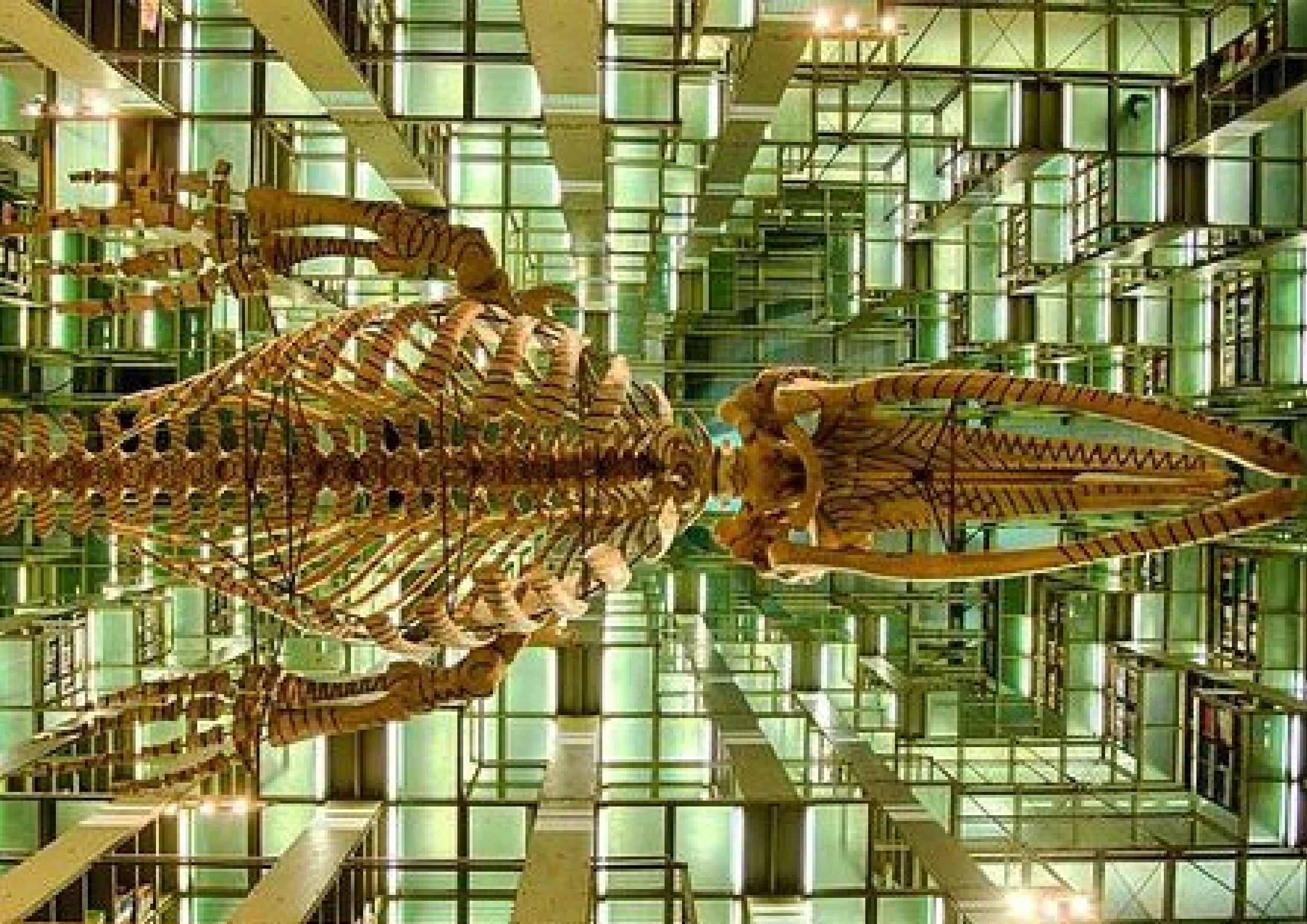
tes, desempregados, reformados, sem abrigo. Vão estudar, trabalhar, consultar a internet para conversar, ver filmes ou pesquisar, comer, ouvir música, dormir.

Sobre o tempo de vigília, Daniel Goldin tem uma visão heterodoxa. «Quem consegue pensar quando está cansado?», pergunta. Comenta o comportamento de Proust para argumentar a favor desse descanso merecido e encontrado nos sofás da casa pública. Depois de passado o estado de vigília, a pessoa estará desperta para o reconhecimento e para a descoberta, o que significa que poderá ler, trabalhar ou qualquer outra coisa. Nesse caso, como em tantos outros, a biblioteca cumpre uma função social.

Enquanto passa fotografias e videos do espaço, conta uma história paradigmática. Do lado de fora de uma das portas de vidro junta-se regularmente um grupo de jovens que vêm dançar hip-hop. São muitos. «Perguntei aos bibliotecários que trabalham lá há anos porque iam lá estes miúdos. Começaram a dizer-me que era porque não tinham outros espaços. Respondi-lhes que não fossem idiotas. Vêm porque a porta da biblioteca funciona como um espelho. E sabem porque sabia? Porque perguntei aos miúdos. Nesse dia disse aos bibliotecários: "É a última vez que sei alguma coisa que

vocês não sabem. Perguntem-lhes." O curioso é que os miúdos que ali vão dançar não vivem no mesmo lado da cidade. Vivem a 30 ou 40kms uns dos outros. Conhecem-se na internet e convidam-se para dançar ali. Um dia vêm dançar, noutro vêm estudar ou trabalhar.»

Uma das suas primeiras ações enquanto diretor foi retirar quase todas as placas de silêncio do edifício e reaproveitá-lo no sentido de poder oferecer um concerto ou uma demonstração de dança num átrio e não confiná-los ao auditório, ou permitir que as pessoas se juntem em comunidades de leitura em áreas não fechadas. O auditório não deixou de ser usado, nem as salas destinadas a oficinas, mas a doxa do lugar apropriado perdeu sentido. Assim, a circulação permite comunicação e encontro com o inesperado. E com ele chega a valorização do utilizador que vem, em geral, movido por uma necessidade, e descobre-se a experimentar. Um exemplo: uma senhora estava a aprender inglês porque a filha tinha emigrado para Inglaterra. Um dia, provavelmente porque estava aborrecida, decidiu experimentar uma oficina de leitura em voz alta. Ao descobrir que podia ler em voz alta, que se ouvia, começou a escrever não só a sua experiência como a dos outros, com quem conversava.



Silêncio e ruído

«Considero que a oposição entre silêncio e ruído deve ser vista, na biblioteca, de forma muito mais complexa e dinâmica.» Se o silêncio não existe e o ruído é fruto da ausência de uma predisposição para a comunicação, é preciso criar redes de possibilidades e oferecê-las.

Foi o que aconteceu no dia 26 de março, e que Daniel Goldin apresentou em imagens. No átrio instalou-se um estendal onde homens e sobretudo mulheres escreviam sobre violência de género que haviam vivido na infância ou mais recentemente. Não era preciso haver conversação, mas a comunicação efetivava-se. No mesmo dia, e em relação com o tema, reuniu-se a Biblioteca Humana, um projeto que Goldin descreve como um exercício de promoção social e que consiste num diálogo entre duas pessoas em que uma se assume como o livro e a outra como o leitor. Neste caso, e em relação com a instalação do estendal, o tema também era o da violência de género. Na mesma manhã em que tudo isto acontecia, aconteceu um concerto no mesmo átrio onde se expunha o estendal. O resultado foi contrário ao ruído. Houve quem parasse de trabalhar

para se debruçar na mezanine e assistir ao concerto, houve quem continuasse na biblioteca humana, houve quem continuasse concentrado no que fazia antes, houve quem dançasse. E, pode ver-se na imagem, lá estava o grupo de jovens a dançar hip-hop do lado de lá da porta.

A comunicação não se faz apenas de som, mas também de silêncio e de leitura. Há que ler o espaço, que o apreender e que experimentar. No 7.º piso organizaram-se então quinze salas temáticas que oferecem fundos subordinados a cada um dos temas. Um deles, por exemplo, é dedicado às drogas. Ali pode encontrar-se um álbum dos Pink Floyd, tanto quanto livros sobre narcotráfico ou sobre antropologia das drogas. O que se pretende? Gerar novos diálogos com o público. «Abrimos caminhos nas estantes para que as pessoas possam caminhar e encontrar-se com coisa que não procuravam e que de repente as surpreendem.»

Os utilizadores vão chegando e os que já são habituais também se vão transformando. A biblioteca deve ser lida como um processo, no qual importa registar trajetórias. E saber receber bem o outro, fazê-lo sentir em casa. «O outro tem sempre algo para nos dizer.»



and the winner is...

PRÉMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO 2017

Fátima Afonso foi a vencedora desta edição, pelas ilustrações de *Sonho com Asas*, uma edição da Kalandraka. O júri destacou a poeticidade deste trabalho no conjunto coerente e harmonioso da paleta de cores pastel, e nos detalhes oníricos e narrativos. O projeto fora já distinguido com o 2o lugar no Prémio Internacional de Ilustração de Compostela. As duas menções foram atribuídas a **Catarina Sobral** por *Tão, tão grande!*, editado pela Orfeu Negro e a **Tiago e Nadia Albuquerque** por *Sou o lince ibérico*, uma edição de divulgação científica com a chancela da INCM.

Fátima Afonso



O júri chamou ainda a atenção para a coleção *Ler com Valores*, da APCC, pela sua qualidade e diversidade de ilustração, e para dois títulos juvenis em que a ilustração também integra os projetos.

Neste livro de estreia, Jaime Ferraz conta uma história simples, quase trivial. Não há no enredo linear nada de muito surpreendente, pelo contrário o desenlace denota uma certa previsibilidade, própria de uma narrativa moral, como é o caso.

No entanto, se a progressão da ação respeita a causalidade e a lógica sequencial, há em cada momento um aproveitamento descritivo que a ilustração oferece em algumas páginas duplas de forma subtil e noutras como uma surpresa.

Máquina revela logo a abrir uma cidade que se apressa em movimentos de transeuntes e carros, e muitos telemóveis. O protagonista, um rapaz, chega a casa e o mundo que povoa o seu quarto não foge muito a este contexto. Não fora pelas árvores que a vista da janela alcança e pela planta que resiste junto ao poster de um robot e tudo seria mecânico e tecnológico, da consola ao tablet, do computador à televisão, da aparelhagem aos telemóveis e comandos. A perspetiva do quarto permite ao leitor percorrê-lo lentamente, atentando em cada objeto, e contrariando a volúpia destes gadgets. O rapaz alterna a sua utilização, e com ela a sua postura. Estará entediado? Talvez sim, talvez não. É possível que seja apenas efeito do tempo a passar.

Eis senão quando alguém mais velho toca à campainha do prédio e o rapaz desce, feliz pelo encontro. Talvez estivesse então apenas a passar o tempo na expectativa.

No jardim o contexto não se altera, o que surpreende. Não se esta-



belece nenhuma antinomia entre a cidade e o campo por si só, entre o mecânico e o natural. As pessoas são as mesmas, e com elas chegam os *selfie sticks*, os drones, os auscultadores ligados ao telemóvel, os *segways*... Não é o espaço quem faz a diferença e sim as pessoas. O rapaz recebe então um presente. A forma do embrulho, que se apresenta num grande plano com as mãos do menino, é semelhante à de um tablet. A diferença, o leitor reconhece-a pela estranheza e pluralidade de mundos onde o protagonista entra e participa. E subitamente, a página dupla em que se mostra o ecrã do tablet como jogo a decorrer faz agora muito mais sentido, assim como a sua estética geométrica e pixelizada, em contraponto com estas novas formas, cheias de curvas, movimento, ordem e caos.

No final, capa e contracapa revelam-se. Tudo o que existe na capa, a contracapa desfaz, e embora façam ambas parte do mesmo quadro, lêem-se de forma completamente distinta antes e depois de percorrer as páginas do miolo. A janela e a secretária estão habitadas e tudo o que parecia inicialmente uma prioridade, deixa de o ser. Mas o leitor só toma real consciência disso no final. O que é óbvio esconde muitas vezes desvios em direções diversas, por vezes claras, outras mais obtusas. Esta novidade da coleção «Imagens que contam» é disso um exemplo. E Jaime Ferraz consegue superar um primeiro nível de leitura menos surpreendente, assim como um estilo ainda refém de influências estéticas como as de Catarina Sobral, pelo manejo da composição ao serviço de uma ideia.



O que esperar deste novo livro de poesia de João Pedro Mésseder? Uma mudança temática, afastando-se da observação do quotidiano, e da sua transfiguração? Ou uma mudança formal, que relegue o sentido metafórico e imagético para um plano secundário em detrimento de outra construção retórica?

O poeta anuncia desde a capa uma intenção taxonómica: «haicais ou quase». E cumpre. Não se afasta do seu universo de observação nem, tão pouco, dos recursos elocutórios que lhe são caros mas restringe as possibilidades de disposição e composição a uma estrutura de três versos sem rima e a um grande tema que é o da observação da natureza e dos detalhes risíveis.

Embora considere, na introdução sobre a origem e a organização formal dos haicais, que os 33 poemas do livro apenas se aproximam deste modelo, o facto é que essa aproximação permitiu que os poemas, no seu conjunto, perfizessem um corpo único.

A passagem do tempo faz-se sentir pela referência ao clima, aos meses do ano que pontilham poema aqui, poema ali, um ciclo que é o fundador e que na génese do conhecimento humano, sempre orientou a ação e o comportamento. Recuperá-lo através dos pássaros que regressam ou emigram, das árvores cujas folhas avolumam



ramos anteriormente nus, da chuva, do vento, das cores que se vislumbram quando a neve desaparece ou quando se instala significa um regresso necessário a uma outra forma de observar e estar no mundo.

Não sendo haicais perfeitos, estas composições alcançam uma dimensão imagética que as coloca na geografia próxima da rua, da aldeia, da casa, da intimidade, ao mesmo tempo que ampliam o olhar e a relação com o espaço para além dos limites físicos do espaço.

A constante presença da criança, que Rachel Caiano retrata com os inconfundíveis olhos melancólicos, acentua um estado de permanente atenção e fruição.

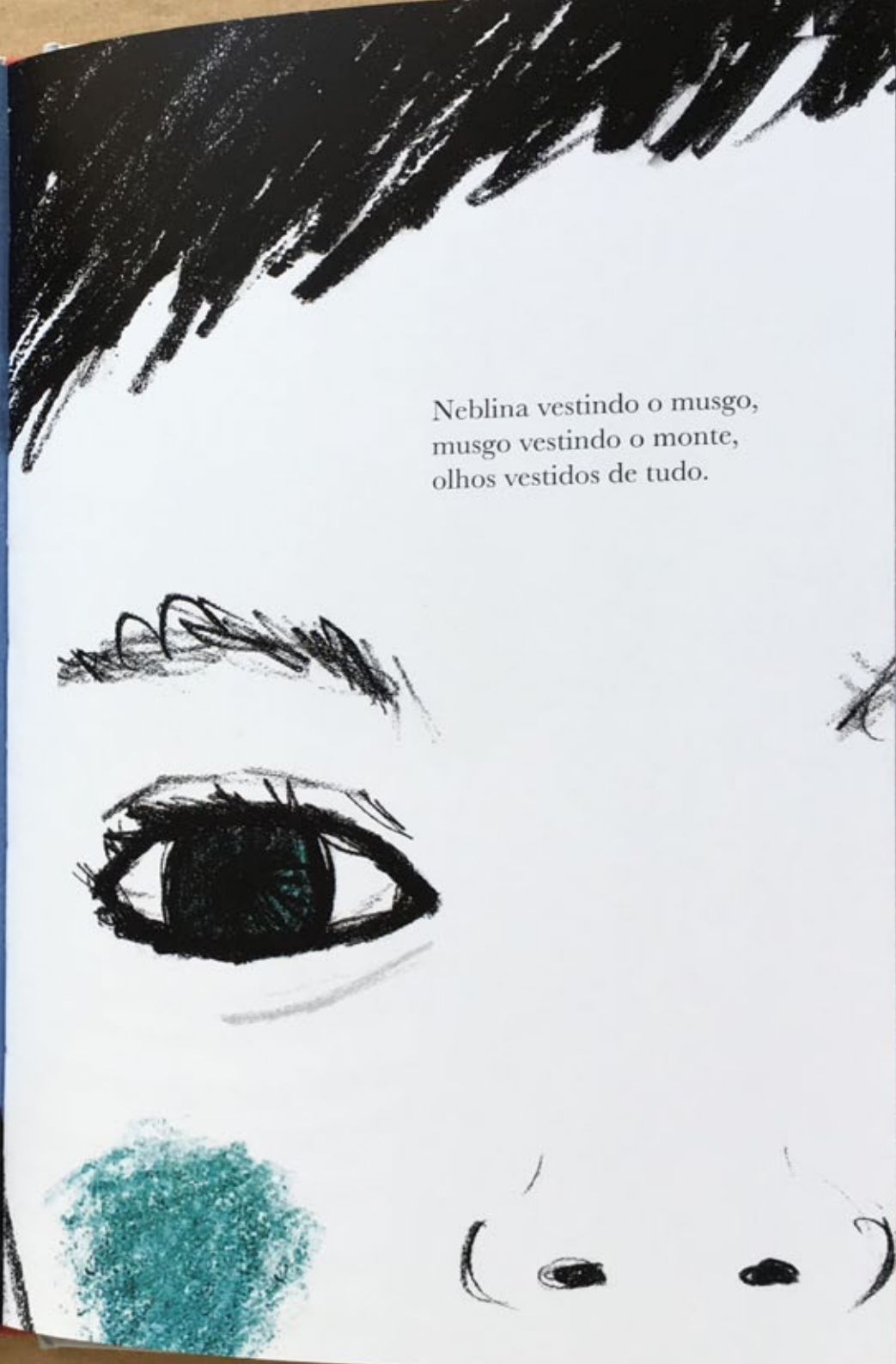
O ato de brincar funde-se com a observação e o menino configura-se como agente das palavras que o leitor recebe. Não necessariamente pelo ato de fala, que não acontece, mas porque à imagem de toda uma tradição poética, é através dos seus olhos que acedemos a essa transfiguração. À natureza junta-se uma implicação política, outra das marcas identitárias do escritor: "Como pode o banqueiro/ aguentar tão grande peso/ no coração?" ou "[Terra]/ A pátria da abelha,/ da borboleta, do estorninho/ é a mesma é uma só."

O último poema fecha o ciclo do tempo: se o primeiro anuncia a noite com a hora de dormir o último traz um novo dia, e com ele uma claridade de beleza. A que se reconhece e a que se deseja descobrir.

Olhos
tropeçando nas nuvens,
aturdidos de alegria.



Neblina vestindo o musgo,
musgo vestindo o monte,
olhos vestidos de tudo.



terra

saramaguiana

Pedro

Prista

de
peccado

A história dos livros é imprevisível. O autor está em sua casa, escreve o que lhe dita a razão e lhe exige a consciência, fá-lo de acordo com a sua sensibilidade, grande ou pequena, e então termina o seu trabalho e o livro, editado, começa um périplo que o autor não controla e que às vezes poderia ser o argumento de uma outra obra. Foi o que aconteceu com este *Terra do Pecado*, de José Saramago, que Pedro Prista, de forma surpreendente, encontrou em Odemira, e que de maneira não menos surpreendente chegou até à Fundação José Saramago, em Lisboa.

O texto a seguir, embora não tenha nascido para ser publicado, sem dúvida merece ser partilhado, porque nele Pedro Prista conta como encontrou o primeiro romance de José Saramago com todas as marcas de tempo e de má qualidade do papel, assunto que ele não menciona porque é um homem elegante. Neste relato unem-se três nomes de mulher, Eduarda, Maria da Conceição e Augusta de Jesus Cordeiro, cada uma com a sua vida,

unidas por um livro e talvez por uma solidão compartilhada. Quem sabe se, agora que o nome dessas mulheres virá à luz, não poderão vir outras pessoas a completarem com dados concretos a lembrança que as três deixaram em torno do exemplar de um autor de menos de 30 anos, desconhecido, inseguro também sobre um futuro que se lhe mostrava esquivo e que, se conseguiu dominar, foi graças à sua perseverança e à inteligente ousadia que habita os sábios.

Diante de nós temos um relato que conta mais do que as palavras indicam. Há uma estranha emoção contida nesta história, talvez a mesma que fez com que uma mulher solitária guardasse na sua mesa de cabeceira, pobre como toda a casa, durante anos e anos, envolto num papel, um romance intitulado *Terra do Pecado*. Qual o futuro desta história? Não sabemos, mas esperamos que ela avance: ao fim e ao cabo o tempo é um contínuo fluir de emoções. Como a literatura.

Pilar del Río

Pilar,

Este livro é para si. Não é bem uma oferta, é mais a continuação de um destino que passou por mim.

Nos finais da década de 80, jovem e enamorado, fui começar uma família nova para os lados do Alentejo, em Odemira. Não tinha lá quaisquer parentes ou memórias mas tinha amigos de Lisboa, também eles na graça dos amores e, tal como eu, à procura de continuar ali algum sentido que o 25 de Abril para nós fizera mas que parecia interrompido e até deteriorado na vida estúpida que se fazia na cidade. Esperávamos então que só pela beleza daquela paisagem e pela verdade humana que nela ainda estava a história se corrigisse sozinha... Os amores davam insensata certeza a esta ingenuidade e durante algum tempo fomos todos muito felizes ali, de verdade.

A maior parte destes nossos amigos foi viver para «montes» isolados e magníficos que recuperaram com paixão e canseiras, mas nós preferimos morar na vila, no velho bairro do castelo. Foi um dia, ao passar numa rua estreita, que reparei em duas pequenas casas juntas que tinham uma tábua pintada a dizer «vende-se». Bati à porta e ali mesmo sem regateios comprei-as. Havia ainda uma terceira casa, na porta seguinte, mas não estava à venda. Morava nela uma velhinha só, mas que não tinha, ao contrário dos seus vizinhos agora de abalada, sítio algum à

sua espera para se mudar. Esta era uma casa muito pequena, apenas uma porta, uma janela e um telhado, e pensei desde essa altura que um dia acabaria por comprá-la também.

Seguiram-se grandes obras até que por fim nos mudámos para as nossas casas novas e conhecemos então a nossa vizinha da tal porta adiante, a Sr.^a Eduarda. Vivia sozinha na sua habitação minúscula, sem electricidade, na penosa condição das misérias pessoais da sua idade e da pobreza que os tempos novos do país não tinham resolvido. Quando tivemos ligação à rede eléctrica na nossa casa decidimos passar-lhe um cabo clandestino e partilhar a nossa «luz» com a casa dela também.

Durante muitos anos tivemos a mais amável, grata e suave vizinha que se pode esperar. Conversei com ela muitas vezes, brevemente sempre e à soleira da porta, pois que um misto de recato e de vergonha a impedia de me consentir entrada.

Fiquei a saber que era quase centenária e desde há muitos, muitos anos, viúva de um tenente da guarda. Todas as vizinhas da rua gostavam muito dela e cuidavam discretamente de lhe assegurar o que ela por si já não conseguia. Comentavam também que o jovem casal do lado, vindo de fora, lhe havia «dado a luz sem querer paga por isso» enquanto o senhorio ou os importantes senhores da terra, donos da casa grande em frente, jamais o haviam feito em tantos anos. Para nós, na verdade, foi fácil.

Em Abril de 1994, Mário Soares, numa «Presidência Aberta», esteve em Odemira e teve de passar com a sua comitiva na minha rua estreitinha. Talvez impressionado por aquele casebre exíguo e pela figura curvada que no umbral da porta via passar-lhe rente tantos automóveis pretos, decidiu parar e, quase sem espaço para abrir a porta do carro, foi cumprimentar a minha vizinha Eduarda, num gesto ostensivo que era também uma denúncia das pobrezaas que tinham ficado esquecidas pelo progresso, então muito clamado oficialmente. Na viatura atrás, Teresa Patrício Gouveia esperou recolhida que o gesto senhorial do presidente se despachasse. Vi tudo a um palmo de distância, por detrás da minha janela.

Passaram anos iguais aos muitos anos já passados pela velhice da Sr.^a Eduarda até que por fim vagou o lugar já tão esperado no Lar da Misericórdia. Com muita dificuldade ainda visitou a sua casa um dia ou outro, mas cada vez menos, e depois a morte veio. Tinha 103 anos e ficou sempre recordada com muita simpatia por todos.

Vazia a casa, os invernos depressa lhe quebraram o telhado deixando nele um buraco podre. O Miguel havia entretanto nascido e crescido e, sabendo eu serem estes lugares sísmicos e as minhas casas velhas, roía-me uma preocupação de mau agoiro em dar-lhe um quarto novo e sólido numa construção nova.

Tudo isto somado ao projecto antigo levou-me a procurar o dono da casa. Comprei-lha

em 2003 e, pela primavera desse ano, abri como dono aquela porta e comecei a retirar lá de dentro tudo o que a vida da Sr.^a Eduarda, mesmo pobre, acabara por juntar e deixar atrás de si: uma bengala; roupas antigas a recordar o que não sei; a caixa de costura; uma telefonía; dois pequenos candeeiros; uma escalfeta; um baú com mantas antigas e sacas de linho; talheres velhos e corroídos; alguidares; a cama de ferro; um pequeno tapete de trapo; uma mesa de cabeceira com um velhaco mau cheiro escondido, a sua pequena gaveta, e dentro dela um rosário, uns óculos velhos e este livro.

Fiquei ali parado a olhar para ele, na surpresa da minha descoberta. Uma raridade bibliográfica destas, chegava-me às mãos assim, pela minha pobre vizinha, que mal conseguia ver as letras mesmo com óculos, e menos ainda no escuro antigo da sua casa? E aparecia-me ali, escondida na pequenina gaveta íntima ao lado da cama que as chuvas haviam já encharcado e coberto com os cacos das telhas velhas... ?

Eu não sou bem um bibliófilo, mas uma sucessão de acasos na minha vida já várias vezes me tem levado ao encontro de pobres livros órfãos como este, geralmente em liquidação de heranças ou abandonados mesmo, e daí aos alfarrabistas onde gosto de procurar velhas edições que muito me servem aos trabalhos e estudos que faço. Tenho até organizado pequenos inventários, lotes e vendas. Tenho também encaminhado para coleccionadores e bibliotecas

conjuntos interessantes, e tenho guardado para mim alguns livros raros ou curiosos que às vezes vendo mais tarde por necessidade ou para trocar por outros de que mais preciso.

Soprei o pó da capa do livro e dei-lhe uma vista de olhos rápida. «Exemplar completo mas muito deteriorado», pensei. Trouxe-o para casa e fui ver melhor. Infelizmente, longa dedicatória manuscrita na folha de rosto. «Que pena... Maus hábitos de maus leitores», disse para mim.

Ainda lhe procurei o valor no mercado internacional e mostrei-o a alguns livreiros de Lisboa. Achei que o iria vender um dia, mas acabei por guardá-lo. Guardei-o e li-o. Li-o com algum distanciamento sabendo da distância a que o livro ficava da obra do seu autor, mas também curioso de lhe encontrar prenunciados traços que os seus outros livros haveriam de desdobrar e ampliar muitos anos depois. Não o senti. À minha leitura tudo me pareceu demasiado antigo e de algum modo «minhoto» naquele tenso jogo de mulheres ansiosas metidas numa casa entre a morte de dois homens. Ao longe adivinhavam-se lavouras. Li-o talvez no mau ângulo de um etnólogo.

Li-o também no desconforto do seu papel deteriorado e poeirento que me secava os dedos no virar das páginas e punha uma ligeira tosse irritante na garganta. Mas, à medida que avançava na leitura, sobre a palma da minha mão esquerda, à face do livro, logo a seguir à

capa, aquelas linhas manuscritas cada vez mais ecoavam no romance que estava a ler e quase forçavam a sua entrada nele. Li-as repetidamente.

Na folha de guarda, sobre o canto superior esquerdo, em diagonal, está lá escrito o seguinte:

«Oferecido por Mariana da Conceição. Odemira 16 de Janeiro de 1950».

E, noutra caligrafia, logo abaixo:

«Desejava que ao festejar novamente esta data “dia do meu aniversário natalício” os meus receios e as minhas dúvidas sobre determinada pessoa!.. – Me fossem revelados, neste período de tempo!..

Elevo até Deus as minhas preces para que, ao menos eu não seja vítima da minha boa fé Augusta de Jesus Cordeiro»

Três mulheres havia ali conjuradas naquele segredo que, como todos, só escrito fica escondido mas posto em perigo também. Mariana da Conceição, oferece este livro em 16 de Janeiro de 1950; Eduarda esqueceu-o, meio século depois, dentro da pequena gaveta recolhida junto às horas de dormir no final da sua vida.

José Saramago

Terra do Pecado



Editorial Minerva Lisboa

TERR
DO
PECADO

EDITORIAL
MINERVA
LISBOA

*João
de
Pereira
da
Silva*

TERRA DO PECADO

Amado
 M. Carlos de P. e J.
 Oliveira, 18 Junho de 1950
 ao festejar o movimento
 aniversário natalício,
 das durigas
 — He e Jossin
 ...!

[illegible]

Dear Sir,
 I am very glad to hear
 from you.



EDITORIAL MINERVA
31, RUA LUZ SORIANO, 33
LISBOA

Entre uma e outra, Augusta de Jesus Cordeiro por duas vezes, primeiro na folha de guarda e depois na de rosto, deixa o seu nome assinado e com ele o seu segredo, propagando para dentro do livro a sua história e a sua aflição. Tudo isto me pareceu a cifra de um destino que precedia esta mulher e a ultrapassava e ligava ao das outras mulheres no romance que estava a ler.

Abrindo e fechando aquelas linhas a tinta azul está um apelo votivo e uma prece como se esta mulher fosse uma oficiante do sofrimento ou, mais ainda, a religião em si mesma e o seu mistério nuclear — o amor.

Pelo meio, perpassa a culpa e o apelo à misericórdia, que esta mulher é aqui ao mesmo tempo a própria «terra do pecado» e a sua expiação angustiada. Mais ainda naquele dia em especial que lhe lembrava a passagem do tempo e o pavor que isso infunde a cada data que passa e por isso ela o mascara no eufemismo da fórmula que coloca entre aspas.

Por fim, ao centro desta confissão, está a verdade dolorosa da incerteza que mal consegue ser dita na hesitante redacção daquela frase intercalada, ali metida entre estranha pontuação, misto de exclamação e reticências, e que não encontrou escrita que a dissesse deixando apenas o seu rasto em duas palavras soltas — «revelação» e «tempo» — e no impulso de as fechar no cofre deste volume.

Aquele abusivo autógrafo de uma leitora romântica nas suas ânsias de amor parecia manter vivo o enredo do próprio livro e trazê-lo de volta à mesma pequena vida provincial que terá sugerido a José Saramago este romance prematuro fechando naquela sua incauta revelação íntima um ciclo de acasos para o qual eu agora espreitava e do qual me tornara parte.

Nunca mais o livro deixou de ser para mim a enredada intromissão de duas histórias alheias que a deslumbrada palavra «amor» e o tumulto de absurdos que arrasta consigo vinculou neste exemplar único a dois autores.

Alguma ciência do destino haverá pois que me foi presente ao espírito a chave que unia tudo nesta história: o amor que me levou a uma terra que não era a minha; o legado improvável entre desconhecidos que a morte pôs em ligação; a restituição de destinos através dos livros passados de mão em mão; a fatal interrupção das felicidades; o falso acaso das datas aniversárias, e até as más razões que levaram à coincidência de me cruzar por vezes consigo na rápida passagem de uma porta. Mas isso bastou para eu saber o que quero fazer com este livro, Pilar: Ele é para si.

15 de Março de 2017.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



julho

Os desígnios da arte contemporânea no Brasil **Até 30 jul**

Exposição que reúne o trabalho de nove artistas, tomando a pintura como meio e a paisagem das diversas partes do país como ponto de contacto. São Paulo, Museu de Arte Contemporânea.



Contos em Viagem: Cabo Verde **Até 30 jul**

Espectáculo baseado em textos de e sobre Cabo Verde, refletindo sobre as diferentes modulações da língua portuguesa, o crioulo e a universalidade do que tantas vezes parece particular. Lisboa, Teatro Meridional.



A Diáspora da Palavra **Até 8 de set**

Exposição de obras de autores portugueses impressas fora de Portugal no século XVI (1501-1520). Lisboa, Biblioteca Nacional.



Paulo Nozolino. Loaded Shine **Até 17 set**

Série de fotografias de Paulo Nozolino realizadas entre 2008 e 2013, entre Nova Iorque, Lisboa, Paris, Berlim e algumas zonas rurais de Portugal e França. Madrid, Circulo de Bellas Artes.



O Tesouro da Abissínia **Até 17 set**

Exposição de fotografias resultantes do trabalho de Pedro Mesquita e Paula Mourão Gonçalves numa viagem recente à Etiópia. Porto, Centro Português de Fotografia.



PAULO NOZOLINO

Incerteza viva:
Uma exposição
a partir da 32ª
Bienal de
São Paulo
Até 1 out

Trabalhos de 14
artistas e coletivos que
estiveram presentes
na última edição da
Bienal de São Paulo,
em 2016. Porto, Museu
de Serralves.



Do Carnaval
à Luta Livre.
Máscaras
e devoções
mexicanas
Até 1 out

Exposição com mais
de 250 máscaras
mexicanas, além de
revistas de banda
desenhada, vídeos,
pósteres e fotografias
de lucha libre.
Lisboa, Palácio
Pimenta.



julho

Weegee by
Weegee
Até 5 nov

Nos anos 30 e 40
do século passado,
Weegee foi o cronista
de uma Nova
lorque obscura,
transformando o crime
em espetáculo visual.
Nesta exposição,
mostram-se mais
de cem fotografias
registadas nessa
época. Barcelona,
Fundació Foto
Colectania.



Alén dos
Xéneros
Até 12 nov

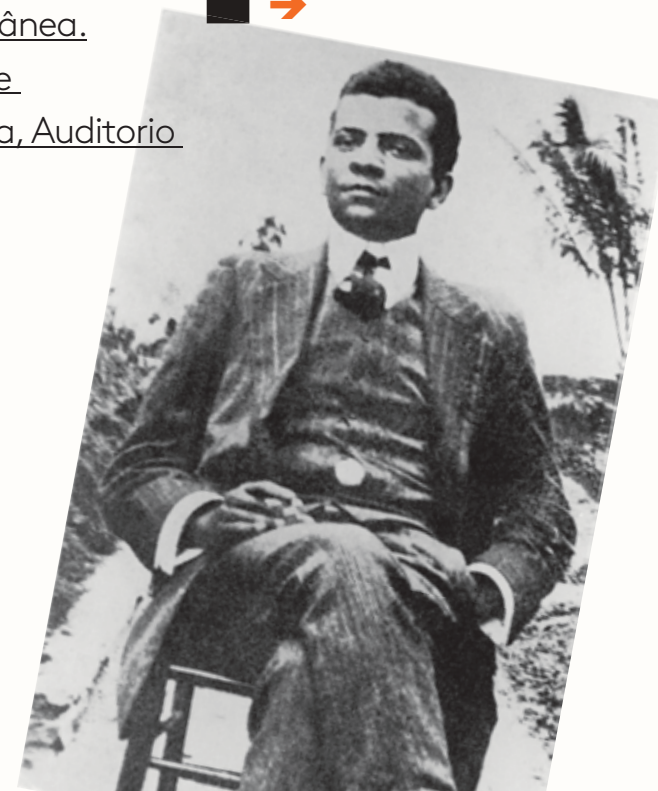
Exposição coletiva que
percorre e questiona
as práticas artísticas
feministas no contexto
da arte galega
contemporânea.
Santiago de
Compostela, Auditorio
de Galiza.



LIMA BARRETO

15ª FLIP
26 a 30 jul

Nova edição da Festa
Literária Internacional
de Paraty, este ano
homenageando
o autor brasileiro
Lima Barreto, com
a participação de
escritores de vários
pontos do mundo.
Paraty, vários lugares.



No quarto ao lado dormiam cansados os amantes, nos braços um do outro, maravilha que infelizmente não pode durar sempre, e é natural, um corpo é este corpo e não aquele, um corpo tem um princípio e um fim, começa na pele e acaba nela, o que está dentro pertence-lhe, mas precisa de sossego, independência, autonomia de funcionamento, dormir abraçados exige uma harmonia de encaixes que o sono de cada um desajusta, acorda-se com o braço dormiente, um cotovelo fincado nas costelas, e então dizemos baixinho, reunindo toda a ternura possível, Meu amor chega-te para lá.

A Jangada de Pedra